



UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CÂMPUS DE UNIVERSITÁRIO DE ARAGUAÍNA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

FERNANDA NEVES DE ARAUJO

**TRAJETÓRIAS SOCIOESPACIAIS DAS ESTUDANTES DA
COMUNIDADE QUILOMBOLA DE COCALINHO A
UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS**

Araguaína/TO

2021

FERNANDA NEVES DE ARAUJO

**TRAJETÓRIAS SOCIOESPACIAIS DAS ESTUDANTES DA
COMUNIDADE QUILOMBOLA DE COCALINHO A
UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS**

Trabalho de Conclusão de curso foi avaliado e apresentado à UFT – Universidade Federal do Tocantins – Câmpus Universitário de Araguaína, Curso de Licenciatura Plena em Geografia para obtenção do título de Licenciada em Geografia e aprovada em sua forma final pela Orientadora e pela Banca Examinadora.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Kênia Gonçalves Costa

Araguaína/TO
2021

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins

- A663t Araujo, Fernanda Neves de.
Trajetórias socioespaciais das estudantes da Comunidade Quilombola de Cocalinho a Universidade Federal do Tocantins. / Fernanda Neves de Araujo. – Araguaína, TO, 2021.
70 f.
- Monografia Graduação - Universidade Federal do Tocantins – Câmpus Universitário de Araguaína - Curso de Geografia, 2021.
Orientadora : Kênia Gonçalves Costa
1. A Trajetória da Pesquisa. 2. Conhecendo a Trajetória da Pesquisa. 3. Lugar. 4. Trajetórias. I. Título

CDD 910

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

FERNANDA NEVES DE ARAUJO

**TRAJETÓRIAS SOCIOESPACIAIS DAS ESTUDANTES DA
COMUNIDADE QUILOMBOLA DE COCALINHO A UNIVERSIDADE
FEDERAL DO TOCANTINS**

Trabalho de Conclusão de curso foi avaliado e apresentado à UFT – Universidade Federal do Tocantins – Câmpus Universitário de Araguaína, Curso de Licenciatura Plena em Geografia para obtenção do título de Licenciada em Geografia e aprovada em sua forma final pela Orientadora e pela Banca Examinadora.

Data de aprovação: ____ / ____ / ____

Banca Examinadora



Documento assinado digitalmente
KÊNIA GOMCALVES COSTA
Data: 23/04/2022 21:50:48-0300
Verifique em <https://verificador.itl.br/>

Profª. Dra. Kênia Gonçalves Costa, UFNT/UFT (Orientadora)



Documento assinado digitalmente
KÊNIA GOMCALVES COSTA
Data: 23/04/2022 21:12:48-0300
Verifique em <https://verificador.itl.br/>

Prof. Dr. Vinicius Gomes de Aguiar, UFNT/UFT (Orientadora)



Documento assinado digitalmente
KÊNIA GOMCALVES COSTA
Data: 23/04/2022 21:12:53-0300
Verifique em <https://verificador.itl.br/>

Ms. Elaine da Silva Sousa, PPGG-UFT

Araguaína, 2021

Gratidão a Deus e a minha família por estarem sempre ao meu lado.

“Senhor, minha força e minha fortaleza, meu abrigo seguro na hora da adversidade”.
Jeremias 16:19

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus por me dar a oportunidade de estar concluindo mais um ciclo em minha vida, pois até aqui Ele me sustentou. Sou grata ao Senhor por esta porta que se abriu em minha vida trazendo perspectivas de um futuro melhor por meio da educação. Agradeço também a minha família em especial meu esposo Felipe, filho Matheus Vinícios, a minha mãe Maria e meus irmãos Estefany, Rômulo e Micael todos de suma importância pois me encorajaram a seguir em frente, com muito amor e compreensão e ajudando com apoio.

Agradeço a Prf^ª. Dr^ª. Kênia Gonçalves Costa, por ter abraçado este projeto juntamente comigo, sempre muito solista, empenhada e dedicada. Foi de suma importância para mim toda sua bagagem acadêmica e conseqüentemente a riqueza agregada nesta monografia. As reuniões e atendimentos que ocorreram de forma online devido a pandemia do COVID-19 sempre aconteciam carregadas de muita sabedoria, sorrisos e calma. Gratidão por toda sua generosidade.

Gratidão a todos os professores do curso, pelo saber compartilhado e atenção em sempre buscar oferecer o melhor, a admiração que tenho por cada um será perene. Todos deixaram uma marca em mim, fazem parte da minha história e isso é muito significativo para mim.

Aos meus amigos que este curso maravilhoso me concedeu ao qual levarei para a vida toda, obrigado Osmar, Patrícia, Janaina, Elaine, Edilaine, Luciane e Meire todos vocês marcaram em mim uma grande amizade, passamos por este processo juntos ao qual choramos, brigamos, desabafamos, sorrimos e acima de tudo nos erguendo, amo vocês.

Dedico em memória a minha tia Cleude Neves que sempre me apoiou nesta caminhada, vibrou comigo essa conquista me ajudou quando mais precisei sei que você não estará aqui para celebrar comigo esta vitória, no entanto sinto que ficaria feliz por mim. Dedico também em memória ao meu tio Paulo Neves que sempre apoiou a mim e aos meus primos para sermos o melhor. Eu amo muito vocês, sei que minha conquista seria de vocês também.

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo compreender a trajetória feita pelas universitárias da Comunidade Quilombola de Cocalinho-Tocantins ao núcleo urbano da cidade de Araguaína-Tocantins, assim como identificar as adversidades encontradas no percurso de seu deslocamento. A metodologia utilizada na pesquisa constitui-se através da pesquisa descritiva em que buscou-se entender e descrever os fenômenos que norteiam as estudantes para que façam este percurso e analisar os agentes que estão inseridos nesta dinâmica do ir vir feita por elas. A coleta dos dados, foram obtidos através de dados primários que são dados coletados a partir de questionários e entrevistas feitas pela pesquisadora e dados secundários que são dados já existentes realizado por outros pesquisadores. A pesquisa percorre para a investigação empírica que se identifica por meio do Estudo de Caso, no qual a pesquisa foi feita a campo/na comunidade, onde entrevistou-se sete (7) alunas que estão matriculadas nos cursos noturnos de Biologia, Cooperativismo, Turismo, Física e História que possuem a idade entre 18 e 38 anos, e uma (1) moradora da comunidade, as informações levantadas foram feitas por questionários via *Google Forms* foram em sua totalidade três (3), é via *whatsapp*. O recorte espacial da pesquisa está sobre a Comunidade Quilombola de Cocalinho, que está localizada no estado do Tocantins e faz parte do município da cidade de Santa Fé do Araguaia, comunidade essa que possui fortes traços de seus antepassados e preserva as tradições na contemporaneidade, já o recorte temporal delimitou-se entre o ano de 2017 a 2021. A pesquisa se faz importante para a Geografia pois o leitor irá compreender a pluralidade e a dinâmica existente nas categorias geográficas, em especial lugar e território entendendo que as categorias podem ser usadas sobre um contexto social em que as interlocutoras produzem nesse espaço seus inúmeros significados e noções de pertencimento. Dialogando principalmente para a elaboração desta pesquisa com os autores Yi-Fu Tuan, Livia de Oliveira, Werther Holzer, Sylvia Cavalcante e Lana Mara Andrade Nóbrega. Os resultados presentes na pesquisa demonstram o quão importante e significativo se faz estudar sobre estas mulheres e sobre o seu lugar, que traz em sua simbologia a resistência e a luta.

Palavras-chaves: Trajetórias. Comunidade Quilombola de Cocalinho. Estudantes. Universidade Federal do Estado do Tocantins.

ABSTRACT

The present work aims to understand the trajectory taken by university students from the Quilombola Community of Cocalinho-Tocantins to the urban center of the city of Araguaína-Tocantins, as well as to identify the adversities encountered in the course of their displacement. The methodology used in the research consists of descriptive research in which we sought to understand and describe the phenomena that guide the students to take this path and analyze the agents that are inserted in this dynamics of coming and going made by them. Data collection was obtained through primary data that are data collected from questionnaires and interviews made by the researcher and secondary data that are already existing data carried out by other researchers. The research proceeds to the empirical investigation identified through the Case Study, in which the research was carried out in the field/in the community, where seven (7) students who are enrolled in evening courses in Biology, Cooperatives, Tourism were interviewed, Physics and History who are aged between 18 and 38 years old, and one (1) resident of the community, the information collected was made through questionnaires via Google Forms, three (3) were in total, and via whatsapp. The spatial focus of the research is on the Quilombola Community of Cocalinho, which is located in the state of Tocantins and is part of the city of Santa Fé do Araguaia, a community that has strong traces of its ancestors and preserves contemporary traditions. The time frame was delimited between the year 2017 to 2021. The research is important for Geography as the reader will understand the plurality and dynamics existing in geographic categories, in particular place and territory, understanding that the categories can be used over a social context in which the interlocutors produce in this space their countless meanings and notions of belonging. Dialogue mainly for the elaboration of this research with the authors Yi-Fu Tuan, Livia de Oliveira, Werther Holzer, Sylvia Cavalcante and Lana Mara Andrade Nóbrega. The results present in the research demonstrate how important and significant it is to study about these women and about their place, which brings resistance and struggle in its symbology.

Key-words: Trajectories. Quilombola community of Cocalinho. Students. Federal University of the State of Tocantins.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Mapa 1 - Mapa da Localização da Comunidade Quilombola de Cocalinho (TO)	32
Mapa 2 - Trajetória das Estudantes	33
Imagem 1 - Igreja Católica de São Domingos	33
Imagem 2 - Campo de Futebol da Comunidade	34
Imagem 3 - Escola Municipal Emanuel	35
Imagem 4 - Centro Cultural da Comunidade	37
Imagem 5 - Lateral do Centro Cultura da Comunidade	38
Imagem 6 - Exposição de Fotos/ Interior do Centro Cultural da Comunidade	39
Imagem 7 - Casas da Comunidade	40
Imagem 8 - Quintais e Crianças	43
Imagem 9 - Córrego Fonte de Lazer	46
Imagem 10 - Plantações dos Moradores	47
Imagem 11 - Moradora Colhendo Cebolinha no Quintal	48
Imagem 12 - Fogão a Lenha	48
Gráfico 1 - Frequência que fazem o trajeto de ida e volta a UFT	55
Gráfico 2 - Meios de transporte utilizados pelas estudantes até o núcleo urbano da cidade de Santa Fé do Araguaia (TO)	56
Tabela 1 - Quadro Geral	53
Tabela 2 - Horário de deslocamento das estudantes: saída Comunidade Quilombola de Cocalinho (TO) ao núcleo urbano de Santa Fé do Araguaia (TO) e horário de chegada em suas casas.	56

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

TO	Tocantins
UFT	Universidade Federal do Tocantins
BNCC	Base Nacional Comum Curricular
PCN	Parâmetros Curriculares Nacionais
ADCT	Ato das Disposições Constitucionais Transitórias
STF	Supremo Tribunal Federal
INCRA	Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária
ACQC	Associação da Comunidade Quilombola de Cocalinho

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
1.1 A Trajetória da Pesquisa e o encontro da Pesquisa	12
1.2 Conhecendo a Trajetória da Pesquisa	13
2. LUGARES E VIVÊNCIAS DA/NA COMUNIDADE QUILOMBOLA DE COCALINHO	18
2.1 O Lugar, Espaço e Território	18
2.2 Um breve conhecer sobre Quilombo e Processo de Certificação	22
2.3 A Historicidade da Comunidade Quilombola de Cocalinho (TO) (Santa Fé do Araguaia TO)	30
3. AS TRAJETÓRIAS SOCIOESPACIAIS	54
3.1 Conhecendo as Estudantes	55
3.3 Sobre o Olhar das Entrevistadas	58
CONSIDERAÇÕES FINAIS	63
REFERÊNCIAS	65
APÊNDICE- ROTEIRO PARA A OBTENÇÃO DE DADOS/INFORMAÇÕES PARA A PESQUISA	68
APÊNDICE A- IDENTIFICANDO AS ESTUDANTES	68
APÊNDICE B- COMO SE IDENTIFICAM	69
APÊNDICE C- DIFICULDADE DO ENSINO REMOTO	69

1 INTRODUÇÃO

1.1 A TRAJETÓRIA DA PESQUISA E O ENCONTRO DA PESQUISA

Ao colocar esta pesquisa em ação, um dos principais motivos foi a desmistificação do senso comum que permeia sobre muitos, em relação aos estudantes cotistas/quilombolas. Caminhando pelos corredores da universidade ou até mesmo em conversas com colegas percebi que um número considerável de colegas acadêmicos expressava ou até afirmava tal frase que os alunos cotistas (quilombolas/indígenas): “estão indo para a universidade apenas por dinheiro”. Entre outras que não cabem aqui serem citadas, é importante ressaltar que tais frases carregadas de preconceito não se restringem apenas ao âmbito universitário mas permeiam por todo o meio social.

Todavia não sabem da realidade destas, portanto como mulher e por pertencer a comunidade, me vi com o entusiasmo para escrever sobre elas, sobre suas lutas e trajetórias. E ressaltar o quão forte nós mulheres somos, em sermos quem somos em nossa essência.

Recordo-me, que na minha infância a perspectiva que eu e minhas amigas tínhamos era de que iríamos trabalhar na casa de alguém seja como doméstica, babá ou qualquer outro trabalho ao qual não fosse necessário um ensino superior, pois era a única perspectiva de trabalho que tínhamos na época.

Contudo foi nos dada esta oportunidade de cursar um ensino superior e hoje vejo, veterinária, zootecnista, licenciada em matemática, história, logística e biologia e outras que virão depois de nós. Com esta pesquisa, espero ter atingido a minha meta em evidenciar estas mulheres que se esforçam e perseveram neste trajeto em que as categorias lugar e território dentre outras que serão discutidas ao longo da pesquisa estejam claras e levem o meu leitor a ter um olhar mais humano e geográfico sobre as vivências e os espaços usados e o significado que cada um atribui para a nossa Comunidade Quilombola de Cocalinho (TO).

Então a partir destas memórias relembradas acima, surgiram outras inquietações que me instigaram a procurar compreender, as mazelas que são enfrentadas, o deslocamento, uso deste território, o lugar enraizado nelas trazem quais sentimentos, e por sua vez entender qual a organização usada para deixarem suas casas, filhos as que possuem, para estarem todos os dias na Universidade.

1.2 Conhecendo a Trajetória da Pesquisa

O presente trabalho vem apresentar as Trajetórias Socioespaciais das Estudantes da Comunidade Quilombola de Cocalinho - Tocantins a Universidade Federal do Tocantins (UFT) do Campus de Araguaína - TO no período de 2017 a 2021. Estas são, estudantes que possuem faixa etária entre 18 a 38 anos, e estão matriculadas regularmente no período de 2017 a 2021, as quais cursam durante o período noturno os cursos de Biologia, Gestão de Cooperativas, Gestão de Turismo, Física e História, mulheres estas que são mães, filhas, tias e esposas.

Estas que residem na Comunidade Quilombola de Cocalinho no estado do Tocantins (TO), ao qual faz parte do município de Santa Fé do Araguaia (TO) que se localiza ao norte-oeste da cidade de Araguaína (TO) que por sua vez possui entre ambos os municípios a distância de 72,5 km pela rodovia TO-222.

Para que haja a melhor compreensão do trabalho o objetivo geral e específico estão detalhados a seguir, o qual estão descritas as finalidades do projeto. A pesquisa foi conduzida por meio do objetivo geral, em que se consistiu em analisar e compreender o espaço de deslocamento das estudantes da Comunidade Quilombola de Cocalinho (TO). Possuindo a finalidade de salientar a força destas mulheres. Elucidando que os caminhos aos quais elas efetuam de suas casas a universidade vão muito além de uma simples trajetória, tendo em consideração que esses ambientes portam dinâmicas que acontecem a todo tempo nestes espaços como vivências e experiências e o apego ao lugar e as mazelas que há em sua volta. A fim de que venha se compreender a história por trás de cada mulher. Diante dessas explicações feitas elaborou-se quatro objetivos específico que buscam responder estas inquietações, aos quais são:

1. Identificar como se organizam para que estejam todas as noites na Universidade.
2. Mostrar as mazelas que ocorrem em seus espaços.
3. Interpretar quais meios de locomoção são usados para o deslocamento da Comunidade até o município de Santa Fé do Araguaia já que não possuem ônibus de alunos (as) que vão até a comunidade.
4. Demonstrar como funciona o uso deste espaço, a dinâmica traçada por elas para chegar ao seu destino, universidade e no retorno à comunidade.

Por conseguinte, cabe neste item uma breve introdução das categorias e conceitos existentes na geografia. As categorias podem “[...] indicar que a categoria é comumente utilizada para designar diferentes espécies do mesmo gênero e/ou distinguir certos fenômenos que apresentam uma mesma característica geral” (BERNARDES, 2011, p. 166), bem como os

conceitos “[...] e o conceito indica algum objeto real pela determinação de alguns dos seus aspectos” (BERNARDES, 2011, p. 166). Os quais servem para nortear e delinear determinada área de estudo, a seguir estão destacados os mais utilizados conceitos desta ciência.

A categoria define os modos de ser, enquanto o conceito define a ideia ou conjunto de ideias a respeito de alguma coisa ou fenômeno. O conceito é uma representação do objeto pelo pensamento, por suas características gerais. Difere da definição, que é a determinação da compreensão do conceito (SILVA, 1986, p. 28 apud BERNARDES, 2011, p. 167).

Assim:

Categorias e conceitos, que, muitas vezes, são considerados inerentes a certa ciência, são desenvolvidos pelas contradições das discussões internas e externas a esta. A história de certa ciência indica teorias e métodos, categorias e conceitos fundamentais para o entendimento da realidade, conforme o período histórico em que são desenvolvidos, mas, principalmente, indica certo paradigma de pesquisa dominante. É nesse entrevero que as categorias e os conceitos ganham relevância, pois possuem um valor histórico como instrumentais teóricos para o entendimento da realidade, mas, quando isolados do seu corpo teórico podem perder todo o seu sentido. (BERNARDES, 2011, p. 172)

Portanto, há maneiras específicas de abordagem por parte de cada uma como exemplificado a seguir.

A Geografia como qualquer campo disciplinar construiu ao longo de seu percurso uma grande variedade de teorias, conceitos e categorias analíticas, mas há um razoável consenso de que existem algumas categorias estruturantes desse campo científico: o espaço, a paisagem, o território, o lugar e, mais recentemente, poderíamos incluir também o conceito de rede. Esses são considerados pela comunidade como aqueles que conferem uma relativa identidade à Geografia como ciência (CRUZ, 2010, p. 2, apud ANDREIS, 2019, p. 87).

Ou seja, conceitos são dinâmicos e “[...] tem como finalidade servir de ‘ferramenta’ intelectual para que possa ser reutilizado nas novas análises que forem processadas. Não se deve pensar nos conceitos como algo pronto e acabado e que serve de memorização, pois eles estão em constante construção” (LISBOA, 2007, p. 25 e 26). Cabe salientar que

A representação das características gerais de cada objeto pelo pensamento. Conceituar significa a ação de formular uma idéia que permita, por meio de palavras, estabelecer uma definição, uma caracterização do objeto a ser conceituado. Tal condição implica reconhecer que um conceito não é real em si, e sim uma representação desse real, construída por meio do intelecto humano. (LISBOA, 2007, p. 25).

As diretrizes educacionais como Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) (BRASIL, 1998) e a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (BRASIL, 2018) encaminham as atenções e discussões conceituais (LISBOA, 2007). Desta forma entendem-se:

Os conceitos [...] são mobilizadores e motores do pensamento, estão para fazer pensar, não para paralisar, imobilizar o pensamento. Cada conceito remete a outro conceito, a outro problema. Cada conceito conecta-se com vários outros e pede novas conexões. Assim, num movimento infinito do pensamento, o que temos é sempre novos conceitos sendo criados, por conexão, por deslizamento, por deslocamento [...] e a invenção de novos problemas, como num *moto contínuo* (GALLO, 2018, p. 66 apud ANDREIS, 2019, p. 88).

Diante destas descrições, ressalta-se a correlação entre o objeto de estudo e o ensino de Geografia destacando as categorias em seu caráter normativo previsto na BNCC. A BNCC desde os anos iniciais prevê a aprendizagem acerca das categorias lugar e território. Assim sobre o território diz que:

[...] Espera-se, assim, que o estudo da Geografia no Ensino Fundamental –Anos Finais possa contribuir para o delineamento do projeto de vida dos jovens alunos, de modo que eles compreendam a produção social do espaço e a transformação do espaço em território usado. Anseia-se, também, que entendam o papel do Estado-Nação em um período histórico cuja inovação tecnológica é responsável por grandes transformações socioespaciais, acentuando ainda mais a necessidade de que possam conjecturar as alternativas de uso do território e as possibilidades de seus próprios projetos para o futuro. Espera-se, também, que, nesses estudos, sejam utilizadas diferentes representações cartográficas e linguagens para que os estudantes possam, por meio delas, entender o território, as territorialidades e o ordenamento territorial em diferentes escalas de análise (grifo do autor) (BRASIL, 2018, p. 383 apud AZAMBUJA, 2019, p. 3649).

O autor Leonardo Azambuja (2019) faz uma exposição acerca do lugar e sujeitos na compreensão de alguns aspectos.

[...] A unidade temática o sujeito e seu lugar no mundo contemplando as noções de pertencimento e identidade considerando, desde os contextos mais próximos da vida cotidiana, aos contextos mais amplos envolvendo aspectos políticos, econômicos e culturais concretizados em sociedades de tempos e espaços determinados e diferenciados (AZAMBUJA, 2019, p. 3646).

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) vem com políticas que reafirmam o ensino de lugar e território, pontua-os em alguns fragmentos:

O espaço considerado como território e lugar é historicamente produzido pelo homem à medida que organiza econômica e socialmente sua sociedade. A percepção espacial de cada indivíduo ou sociedade é também marcada por laços afetivos e referências socioculturais. Nessa perspectiva, a historicidade enfoca o homem como sujeito produtor desse espaço, um homem social e cultural, situado além e mediante a perspectiva econômica e política, que imprime seus valores no processo de produção de seu espaço. (BRASIL, 1998, p. 27)

O lugar e o território estão em maior evidência nesta pesquisa, pois as interlocutoras são os agentes principais que produzem a história e a produção do espaço. A partir destas reflexões e sua discussão no ensino, a metodologia será descrita a seguir. A metodologia para a pesquisa,

foi feita através de dados bibliográficos, Gil (2002) efetivamente afirma que a pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos. Portanto constitui-se em ler o que já foi escrito, em publicações por meio eletrônico, e com um grande enriquecimento através da oralidade dos habitantes da comunidade.

Verificou-se textos sobre os conceitos de território e lugar, no qual o procedimento do levantamento consistiu também em ser qualitativo no qual atuou para explorar o fenômeno social (o ir e vir) deste grupo de estudantes, Gil (2002) descreve esses tipos pesquisa bem como suas características do seguinte modo, “[...] as pesquisas deste tipo caracterizam-se pela interrogação direta das pessoas cujo comportamento se deseja conhecer. Basicamente, procede-se à solicitação de informações a um grupo significativo de pessoas acerca do problema estudado para, em seguida, mediante análise quantitativa, obterem-se as conclusões correspondentes aos dados coletados”. (GIL, 2002, p. 50). Ou seja, o contato com os entrevistados é de proximidade para entender seu ponto de vista.

Consequentemente utilizou-se características de pesquisa descritiva com aspectos de estudo de caso Gil (2002) pontua, portanto, sendo como: explorar situações da vida real cujos limites não estão claramente definidos; preservar o caráter unitário do objeto estudado; descrever a situação do contexto em que está sendo feita determinada investigação. Gil (2002) ainda salienta que as pesquisas descritivas têm como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou, então, o estabelecimento de relações entre variáveis.

Os procedimentos que permitiram a coleta dos dados primários e secundários estão descritos a seguir:

Dados Primários: Foram desenvolvidos questionários por meio eletrônico especificamente via *Google Forms*, este que por sua vez foi disponibilizado por meio da rede social *whatsapp*. Com a finalidade de identificar estas mulheres por nome, sua faixa etária e obter informações sobre o seu cotidiano e as dificuldades encontradas no trajeto. Realizou-se, entrevistas com professoras que lecionam a anos na comunidade e residem na mesma, uma roda de conversa para compreender os seus sentimentos, sobre estas estudantes, pois as mesmas foram essenciais na educação básica destas mulheres.

Dados Secundários: Foram coletados, através de artigos, *Google Acadêmico* e organizações governamentais estas pesquisas bibliográficas permitiram que a pesquisa cause no seu leitor uma percepção crítico/reflexiva.

No parágrafo seguinte estão enumerados os autores mais trabalhados no texto com seus conceitos, contribuições e apontamentos que orientaram a pesquisa.

Os quais se destacam, Tuan que apresenta lugar como local de íntimas experiências, afirmando que “[...] os lugares íntimos são lugares onde encontramos carinho, onde nossas necessidades fundamentais são consideradas e merecem atenção sem espalhamento” (TUAN, 1983, p.153). Cavalcante e Nóbrega (2011) possuem a mesma perspectiva de Tuan, com isto os autores dialogam entre si e trazem contribuições que ajudam a fundamentação teórica a ser melhor estruturada. Oliveira (2013) contribui notavelmente para o entendimento das relações ocorridas no espaço, Leite (2000) traz significativas contribuições quando se trata de quilombos. Estes autores bem como outros que são citados ao longo desta pesquisa foram utilizados para alicerçar o trabalho, pois cada contribuição e diferentes formas de interpretação de cada autor é de suma relevância para o cumprimento do mesmo.

A pesquisa está organizada em dois capítulos, estes contendo subtópicos que encaminham a pesquisa para seu objetivo. O capítulo 2 - está destacado - *Lugares e Vivências da/na Comunidade Quilombola de Cocalinho*, apresentando em suas linhas o conceito das categorias geográficas Lugar, Espaço e Território através da geografia humanista. Pois a partir dos conceitos, parte-se para o entendimento de quilombo em sua raiz e descrever a importância das terras quilombolas possuírem sua certificação. Concluindo o com a história da comunidade, que está representada em mapas e imagens riquíssimas da Comunidade Quilombola de Cocalinho (TO).

O capítulo 3 - Aprofunda-se sobre o caminho percorrido pelas interlocutoras, conhecendo o conceito de trajetórias para melhor análise da pesquisa. Perpassando por suas dificuldades que estão expostas através de suas falas e organizados em tabelas e gráficos. As interpretações feitas a partir dos dados explanam neste capítulo a coragem delas e demonstram que suas realizações pessoais são para sua família e comunidade.

2. LUGARES E VIVÊNCIAS DA/NA COMUNIDADE QUILOMBOLA DE COCALINHO

Destaca-se que este capítulo tem por intuito conceituar a categoria lugar, território e espaço na perspectiva de teorias fundamentadas por grandes estudiosos, para que por meio desta ordem possa se compreender o sentido do lugar atribuído pelas estudantes. Por conseguinte, compreender quais procedimentos são necessários para o reconhecimento das terras Quilombolas constitucionalmente. E dentre as discussões levantadas ao longo do capítulo entender a origem da palavra Quilombo já que a mesma será usada diversas vezes ao longo da pesquisa, e mencionar o processo histórico da Comunidade Quilombola de Cocalinho (TO) pois este processo histórico é de suma importância para o entendimento da organização social deste povo.

2.1 O Lugar, Espaço e Território

O conceito de lugar para a Geografia Humanista traz consigo muitas subjetividades, conceitos e explicações advindos de inúmeros autores que estudam o campo desta ciência social, com suas percepções distintas acerca do tema, trabalham e ressignificam o lugar. Marandola Jr, Holzer e Oliveira (2012, p. 3) enfatizam que “[...] há uma infinidade de definições de lugar e de sentido que variam conforme as teorias de outros autores. Umhas objetivas e outras subjetivas [...]”, logo entende-se que cada sujeito constrói suas experiências e o sentido de lugar é o que ele atribui a ele, Holzer (1999) sobre a interpretação humanista de lugar de Tuan (1979), expõe que “O lugar encarna as experiências e aspirações das pessoas. O lugar não é só um fato a ser explicado na ampla estrutura do espaço, ele é a realidade a ser esclarecida e compreendida sob a perspectiva das pessoas que lhe dão significado [...]”. (TUAN, 1979, p. 387 apud HOLZER, 1999, p. 70).

Yi-Fu Tuan significa o lugar como local de íntimas experiências, afirmando que “[...] os lugares íntimos são lugares onde encontramos carinho, onde nossas necessidades fundamentais são consideradas e merecem atenção sem espalhamento [...]” (TUAN, 1983, p. 153). O autor também explica a experiência e o pensamento para a construção do lugar.

A experiência é constituída de sentimento e pensamento. O sentimento humano não é uma sucessão de sensações distintas; mais precisamente, a memória e a intuição são capazes de produzir impactos sensoriais no cambiante fluxo da experiência, de modo que poderíamos falar de uma vida do sentimento como falarmos de uma vida do pensamento. (TUAN, 2013, p. 14)

Sylvia Cavalcante e Lana Mara Andrade Nóbrega com o mesmo olhar de Tuan colocam o lugar como espaço que identificamos no qual o sujeito estabelece seus vínculos.

Lugar. É espaço que identificamos: é onde moramos, trabalhamos, nos divertimos, vivemos. É um espaço no qual estabelecemos parada. Seus limites são definidos. Ele pode ser reconhecido: é referência. É um espaço ao qual se atribui significado e que ganha valor pela vivência e pelos sentimentos. Lugar é o espaço com o qual se estabelece relação. (CAVALCANTE; NÓBREGA, 2011, p. 182)

Werther Holzer (1999) por tanto descreve quão significativo é a geografia humanista baseando-se nas concepções de Tuan no qual irá salientar que o lugar traz consigo um grande valor.

[...] espaço e lugar definem a natureza da geografia. Mas o lugar tem uma importância ímpar para a geografia humanista, pois, se para as técnicas de análise espacial o lugar se comporta como um nó funcional, para o humanista ele significa um conjunto complexo e simbólico, que pode ser analisado a partir da experiência pessoal de cada um - a partir da orientação e estruturação do espaço, ou da experiência grupal (intersubjetiva) de espaço - como estruturação do espaço mítico-conceitual. (TUAN, 1979 apud HOLZER, 1999, p. 71)

Lívia de Oliveira reafirma a perspectiva de lugar e espaço pensando, portanto, o sujeito na sua individualidade “[...] os conceitos de espaço e de lugar estão sempre submetidos às transformações da sociedade; sempre recebendo novas informações e aceitando ou não as atuais mudanças” (OLIVEIRA, 2013, p. 93).

Baseado nesta percepção, buscou-se entender as relações que estas estudantes estabelecem com a comunidade, suas construções de vínculos afetivos e os significados atrelados às suas vivências ou seja “[...] a familiaridade com dada porção do espaço, pela experiência, faz torná-la lugar. Pois espaço e lugar são designações do nosso cotidiano, indicando experiências triviais, do dia a dia”. (MARANDOLA JR; HOLZER e OLIVEIRA, 2012, p. 11). As citações e as explicitações feitas reforçam ainda mais que, o olhar geográfico para determinado fenômeno é obtido a partir da visão de quem o lê, as definições dos autores mencionados anteriormente explicitam bem a dinâmica. Vale lembrar que o termo espaço é conceituado por outras ciências, a exemplo das ciências exatas, fortalecendo ainda mais sua multidisciplinaridade.

O termo espaço geralmente refere-se a uma área geométrica concreta, caracterizado pela exterioridade de suas partes. Espaço é palco de ações, receptáculo passivo de objetos e percepções. Ele se materializa pelo movimento e pode ser percebido a partir de uma referência. É medida daquilo que separa dois pontos, duas linhas, dois objetos. Sua extensão pode ser infinita. (CAVALCANTE; NÓBREGA, 2011, p. 183)

Compreendendo inclusive quais significados estão sendo construídos no espaço universitário por estas mulheres segundo o olhar geográfico humanista de Tuan.

O espaço [...] é dado pela capacidade de mover-se. Os movimentos frequentemente são dirigidos para, ou repelidos por, objetos e lugares. Por isso o espaço pode ser experienciado de várias maneiras: como localização relativa de objetos ou lugares, como as distâncias e extensões que separam ou ligam os lugares, e — mais abstratamente — como a área definida por uma rede de lugares (TUAN, 2013, p. 18)

Werther Holzer (1992), contribui mencionando que “[...] O espaço vivido é uma experiência contínua, egocêntrica e social, um espaço de movimento e um espaço-tempo vivido que se refere ao afetivo, ao mágico, ao imaginário” (HOLZER, 1992, p. 440 apud CASTRO; GOMES; CORRÊA, 2000, p. 32).

Partindo para a compreensão do território entende-se que, como as demais categorias geográficas esta é uma a qual pode-se obter diversas leituras. A autores que trazem abordagens diferentes sobre esta categoria geográfica. Castro, Gomes e Corrêa (2000) trazem uma conceituação de território fundamentada na geografia tradicional que nos diz que, “[...] território surge, na tradicional Geografia Política, como o espaço concreto em si (com seus atributos naturais e socialmente construídos), que é apropriado por um grupo social” (CASTRO; GOMES; CORRÊA, 2000, p. 84). O território nesta concepção está ligado ao estado-nação, ou seja, está ligado apenas ao material. Carlos Santos (1982) conceitua território de acordo com alguns autores, como sendo uma composição de abstrações a partir do que se percebe neste lugar, assim faz-se a separação entre algo já existente, colocando que o espaço está condicionado a algo natural e se decorre enquanto produto bruto para a moldagem de ações coletivas. Carlos Santos (1982) posiciona o território enquanto um estruturação suscetível de “uma formalização e/ou quantificação”, “[...] território é, assim, a base física de sustentação locacional e ecológica, juridicamente institucionalizado do Estado Nacional. Contém os objetos espaciais, naturais e/ou construídos, na condição de instrumentos *exossomáticos*, para (re)produção de uma identidade étnico-sócio-cultural”. (SANTOS, 1982, p.1 - grifo do autor)

O território vai muito além de relações políticas. Já que possui uma sucessão de significações que podem abranger territórios informais, disputas de classes ou até mesmo grupos sociais ressignificando este conceito que é tão amplo. Logo compreende-se que o território não está apenas assimilado ao poder político, delimitação ou demarcação de terras, mas que se transforma conforme a leitura de seu observador.

Diante destas perspectivas apresentadas, é fundamental conceituar as territorialidades, pois a mesma faz-se essencial, para a compressão desta pesquisa. Já que as demais categorias citadas acima se dão através das territorialidades.

O conceito de territorialidade foi definido em 1920 por um ornitólogo inglês, H. E. Howard, como sendo "a conduta característica adotada por um organismo para tomar posse de um território e defendê-lo contra os membros de sua própria espécie". Raffestin (1993, p. 159) e Le Berre (1995, p. 602) atestam essa origem no campo das ciências naturais, na área da etologia. Soja (1971) faz uma discussão crítica das tentativas de se traduzir para o âmbito humano comportamentos espaciais próprios dos animais. Ressalte-se, no entanto, nessa linha, o esforço de E. Hall (1989) através do conceito de "proxemics" ou proxemia, um refinamento da territorialidade animal, que define uma espécie de envoltório ou bolha invisível que delimita espaços individuais, atuando como uma linguagem silenciosa, acompanhando os indivíduos como "territórios" portáteis pessoais e cujo limite varia segundo a percepção e uso do espaço enquanto um componente cultural especializado. A proxemia de Hall parece estar restrita a um âmbito celular ou molecular, isto é, sua consistência depende apenas da escala individual, pois só existe a nível pessoal; portanto, não poderia ser transposta para um nível espacial mais amplo como o de uma região ou país. (SANTOS, 1982, p. 3)

Ainda sobre o olhar de Raffestin, Santos destacar (1982) que:

Raffestin considera que a territorialidade é mais do que uma simples relação homem-território, argumentando que para além da demarcação de parcelas individuais existe a relação social entre os homens. Dessa forma, a territorialidade seria "um conjunto de relações que se originam num sistema tridimensional sociedade-espaço-tempo em vias de atingir a maior autonomia possível, compatível com os recursos do sistema". Considerando-se a dinâmica dos fatores envolvidos na relação, seria possível a classificação de vários tipos de territorialidade, desde as mais estáveis às mais instáveis. (RAFFESTIN, 1993, p. 160 apud SANTOS, 1982, p. 3)

Rogério Haesbaert (2007) aprofunda ainda mais acerca da territorialidade na leitura de Sack (1986) retratando o da seguinte forma “[...] a territorialidade, como um componente do poder, não é apenas um meio para criar e manter a ordem, mas é uma estratégia para criar e manter grande parte do contexto geográfico através do qual nós experimentamos o mundo e o dotamos de significado”. (SACK, 1986, p. 219 apud HAESBAERT, 2007, p. 22), pontuam, portanto, que a territorialidade é carregada de significados. Posteriormente Haesbaert (2007) continua a fazer contribuições sobre a territorialidade, apontando que:

A territorialidade, [...] não é apenas "algo abstrato", num sentido que muitas vezes se reduz ao caráter de abstração analítica, epistemológica. Ela é também uma dimensão imaterial, no sentido ontológico de que, enquanto "imagem" ou símbolo de um território, existe e pode inserir-se eficazmente como uma estratégia político-cultural, mesmo que o território ao qual se refira não esteja concretamente manifestado. (HAESBAERT, 2007, p. 25)

Estas territorialidades estão presentes na Comunidade Quilombola de Cocalinho (TO), pois a mesma se apresenta por meios comuns na territorialidade das famílias, quintais, igreja e o comércio dentre demais outros meios de organização deste povo, já que produzem nestes espaços distintos seu o território (comunidade). As territorialidades referenciadas produzem a partir destes lugares as relações no território. No próximo capítulo será discutido o quilombo e como é realizado o seu processo de certificação por meios jurídicos.

2.2 Um breve conhecer sobre Quilombo e Processo de Certificação

É de suma importância compreender a origem da palavra Quilombo e quais significados a mesma carrega, Kabengele Munanga (1996) cita que:

O quilombo é seguramente uma palavra originária dos povos de línguas bantu (kilombo, aportuguesado: quilombo). Sua presença e seu significado no Brasil têm a ver com alguns ramos desses povos bantu cujos membros foram trazidos e escravizados nesta terra. Trata-se dos grupos lunda, ovimbundu, mbundu, kongo, imbangala, etc., cujos territórios se dividem entre Angola e Zaire. (MUNANGA, 1996, p. 58)

Kabengele Munanga (1996), enfatiza que “[...] embora o quilombo (*kilombo*) seja uma palavra de língua umbundu [...] seu conteúdo enquanto instituição sociopolítica e militar é resultado de uma longa história envolvendo regiões e povos [...]” (MUNANGA, 1996, p. 58).

Alex Ratts (2006) considera que o conceito de quilombo no senso comum ainda está atrelado ao conceito colonial.

Quilombo ou mocambo, no senso comum, é entendido como “reductor de negros escravos fugitivos”, ideia que se disseminou desde o período escravista. Em 1740, o Conselho Ultramarino, órgão colonial responsável pelo controle central patrimonial, considera quilombo como “toda habitação de negros fugidos que passem de cinco, em parte despovoada, ainda que não tenham ranchos levantados nem se ache piloes neles” (MOURA, 1981b, p.16 apud RATTS, 2006, p. 311-312)

Alex Ratts (2006) ainda relata que este conceito colonial de “[...] habitação de negros fugidos [...]” perpetuou-se pelo Brasil imperial, e conclui que este conceito persistir até os dias atuais. Mas o autor salienta que estudiosos “[...] desde a década de 1930, buscam compreender os quilombos tomando Palmares como referência e tratando-os como fenômeno do passado”. (RATTS, 2006, p. 312)

Entretanto este conceito veio/vem sofrendo mudanças “[...] entre os anos 70 e 80 [1970 e 1980], o conceito de quilombo é recolocado no contexto da “abertura política”, de revisões da história nacional e regional, de “descoberta” das comunidades negras rurais e de constituição do movimento contemporâneo”. (RATTS, 2006, p. 312 - destaque nosso e grifo do autor).

Flávio dos Santos Gomes (1997) aprofunda ainda este conceito historiográfico, trazendo uma visão ampla da organização destes, bem como a adaptação a realidade que cada povo tinha, evidenciando que:

Em todas as áreas das Américas Negras onde se estabeleceram grupos de escravos fugidos, destaca-se a maneira como se forjaram políticas de alianças entre os fugitivos com outros setores da sociedade envolvente. Assim foi na Jamaica, Haiti, Colômbia, Brasil, Suriname, Venezuela e em outras regiões escravistas onde quilombos, *cimarrones*, *palenques*, *cumbes* e *maroons* procuraram se organizar econômica e socialmente em grupos e comunidades. Tentavam manter a todo custo sua autonomia e ao mesmo tempo agenciavam estratégias de resistência junto a piratas, indígenas, comerciantes, fazendeiros, lavradores, até autoridades coloniais e principalmente aqueles que permaneciam escravos. Foram, sem dúvida, a partir de tais estratégias e experiências permeadas de contradições e conflitos -- que os fugitivos determinaram os sentidos de suas vidas como sujeitos de sua própria história. (GOMES, 1997, p. 2)

Flávio dos Santos Gomes (1997) destaca assim que o movimento negro em sua diversidade percorreu um trajeto para que pudessem permanecer ao longo do tempo bem como alcançar seus objetivos em prol de sua liberdade e autonomia pois confirma que, “E no final dos anos 70 que se dá -- poderíamos chamar de encruzilhada -- a forma mais explícita de construção política e reelaboração da idéia de quilombo.[...] tanto para intelectuais como para militantes [...] o quilombo podia representar várias coisas. Era resistência cultural e a resistência contra a ditadura”. (GOMES, 1997, p. 7)

Não se pode insistir, portanto -- como fizeram determinadas correntes historiográficas -- na argumentação de que a luta dos quilombos, apesar de sempre existir, não ameaçou o sistema escravista no Brasil, uma vez que os quilombolas não lutaram necessariamente para acabar com a escravidão, eternando-se apenas nas florestas a procura de abrigo e proteção. Outras análises têm revelado a necessidade de perceber as variadas formas de aquilombamentos, suas estratégias e contextos. (GOMES, 1997, p. 17-18)

Assim sendo,

[...] o protesto social dos escravos sob a forma de aquilombamento teve vários significados. Coexistiram diversas formas de quilombos [...] estas formas de aquilombamentos possuíam vários significados tanto para os quilombolas e para aqueles que permaneciam cativos, como para senhores e autoridades. (GOMES, 1997, p. 18).

Logo complementa-se que,

[...] os quilombolas recriaram cenários sociais, políticos, culturais e econômicos em torno de suas experiências históricas. Tanto o poder público como o poder privado no Brasil escravista sabiam em alguma medida que o perigo dos quilombos estava tanto na existência deles próprios [...] como na gestação dos pântanos em torno deles. (GOMES, 1997, p. 22).

Alessandra, M^a Cecília e M^a Celina (2002) abordam esta temática reafirmando as contribuições dos autores citados anteriormente bem como outros estudiosos desta temática,

[...] os grupos que hoje são considerados remanescentes de comunidades de quilombos se constituíram a partir de uma grande diversidade de processos, que incluem as fugas com ocupação de terras livres e geralmente isoladas, mas também as

heranças, doações, recebimento de terras como pagamento de serviços prestados ao Estado, a simples permanência nas terras que ocupavam e cultivavam no interior das grandes propriedades, bem como a compra de terras, tanto durante a vigência do sistema escravocrata quanto após a sua extinção. (SCHMITT; TURATTI; CARVALHO, 2002, p. 131)

É pontuam que, “dentro de uma visão ampliada, que considera as diversas origens e histórias destes grupos, uma denominação também possível para estes agrupamentos identificados como *remanescentes de quilombo* seria a de “terras de preto”, ou “território negro”, tal como é utilizada por vários autores, que enfatizam a sua condição de *coletividades camponesa*, definida pelo compartilhamento de um território e de uma identidade”. (SCHMITT; TURATTI; CARVALHO, 2002, p. 131)

Seguidamente será argumentado a forma constitucional à qual se concedeu o processo de certificação das terras de quilombolas, iniciado legitimamente no ano de 1988. “A partir da Constituição Federal promulgada em 1988, cujo artigo 68 das Disposições Transitórias prevê o reconhecimento da propriedade das terras dos “[...] remanescentes das comunidades dos quilombos”, o debate ganha o cenário político nacional. Por trás de algumas evidências, pistas e provas, surgem novos sujeitos, territórios, ações e políticas de reconhecimento”. (LEITE, 2000, p. 335).

Alex Ratts (2006) destaca que militantes e parlamentares negros se mobilizaram durante este período de 1988, para que as comunidades tradicionais (quilombos) tivessem um artigo referidos na Constituição Federal, o mesmo se refere a este período como um ápice na Constituição Federal, pois o documento obtinha entre seus artigos e incisos algo direcionado aos povos tradicionais. A Constituição da República Federativa do Brasil de 1988 (ADCT) Ato das Disposições Constitucionais Transitórias.

Art.216. Inciso V § 5º- Ficam tombados todos os documentos e os sítios detentores de reminiscências históricas dos antigos quilombos.

[...]

Art.68 Aos remanescentes das comunidades dos quilombos que estejam ocupando suas terras é reconhecida a propriedade definitiva, devendo o Estado emitir-lhes os títulos respectivos.” (BRASIL, 1988).

Como bem frisa Alex Ratts (2006) na perspectiva de Neusa Gusmão (1991) “[...] cabe ressaltar a insuficiência conceitual, prática, histórica e política do termo “quilombo” para dar conta da diversidade das formas de acesso à terra e das formas de existir das comunidades negras no campo.” (GUSMÃO, 1991, p. 34 apud RATTI, 2006, p. 316). Este trecho reafirma o que foi manifestado nas linhas anteriores deste capítulo o conceito de quilombo vai muito além de habitação de negros fugidos.

As comunidades negras rurais estabelecem alianças com variados segmentos locais, regionais e nacionais e essa outra face da diversidade rural brasileira deve ser considerada por aqueles que estão envolvidos com mobilização que é crescente. Seja como “remanescente de quilombos”, “quilombos”, “mocambeiros” etc., as representações dos agrupamentos negros rurais, com base na memória, no parentesco, no lugar que construíram, vêm “reaparecendo” em contextos que lhes são geralmente advesos. A partir dessa movimentação, o termo quilombo vem sendo ressemantizado num duplo esforço de entendimento da diversidade histórica do fenômeno e das situações atuais. (ALMEIDA, 1998, 1996; GUSMÃO, 1996 apud RATTIS, 2006, p. 318-319).

Mediante estas narrativas apresentadas, será descrito a seguir como a Comunidade Quilombola de Cocalinho (TO) até o presente momento vem lidando com as questões que envolvem suas terras. É previamente salientar que esta referida comunidade se caracteriza por quilombo contemporâneo, Gerson Alves de Oliveira (2015) destaca a Comunidade Quilombola de Cocalinho (TO) como sendo:

[...] quilombo contemporâneo, pois sua cultura e tradição revelam um conjunto de fatores, cuja característica pode defini-la como representante de uma tradição quilombola ainda existente no presente. Compreende-se que há elementos sociais que singularizam a comunidade aqui em questão tanto pelas estratégias de ocupação do espaço, parentesco e isolamento da sociedade abrangente quanto pela relação com a terra/território, características de um modelo diferente daquele que prevalece na apropriação capitalista. (OLIVEIRA, 2015, p. 2)

Ilka Boaventura Leite (2000), ressalta o quão significativo se faz o debate acerca dos quilombo bem como a luta que está atrelada em torno de suas terras sobre o campo político e que a busca pela permanência legal em suas terras vem de longos anos, pois declara que “nos últimos vinte anos, os descendentes de africanos, chamados negros, em todo o território nacional, organizados em associações quilombolas, reivindicam o direito à permanência e ao reconhecimento legal de posse das terras ocupadas e cultivadas para moradia e sustento, bem como o livre exercício de suas práticas, crenças e valores considerados em sua especificidade.” (LEITE, 2000, p. 334)

O quilombo constitui questão relevante desde os primeiros focos de resistência dos africanos ao escravismo colonial, reaparece no Brasil/república com a Frente Negra Brasileira (1930/40) e retorna à cena política no final dos anos 70, durante a redemocratização do país. Trata-se, portanto, de uma questão persistente, tendo na atualidade importante dimensão na luta dos afro-descendentes. Falar dos quilombos e dos quilombolas no cenário político atual é, portanto, falar de uma luta política e, conseqüentemente, uma reflexão científica em processo de construção. (LEITE, 2000, p. 333)

Ilka Boaventura Leite (2000), acrescenta ainda que a Lei de Terras a qual se possui registro no Brasil foi no ano de 1850, a autora cita que africanos e seus descendentes eram retirados da condição de brasileiros, e realocados para outro grupo no qual eram denominados

“libertos”. Ilka Boaventura Leite (2000), complementa que “esta Lei colocava os negros a margem da sociedade e os faziam mais vulneráveis, suscetíveis a violência e como resultado perde o pouco que haviam conquistado” (LEITE, 2000, p. 335). A autora continua citando que mesmo obtendo suas terras por meios de compra ou herdadas de antigos senhores por meios legais tais como testamento lavrado em cartório, os negros eram retirados/expulsos dos locais ao qual escolheram viver, portanto através desta historicidade acerca de suas terras para os negros a terra possui símbolo de luta/guerra para permanecerem no lugar ao qual escolheram viver, e isto perpassa até os dias atuais.

Tudo isto se esclarece quando entra em cena a noção de quilombo como forma de organização, de luta, de espaço conquistado e mantido através de gerações. O quilombo, então, na atualidade, significa para esta parcela da sociedade brasileira sobretudo um direito a ser reconhecido e não propriamente e apenas um passado a ser rememorado. Inaugura uma espécie de demanda, ou nova pauta na política nacional: afro-descendentes, partidos políticos, cientistas e militantes são chamados a definir o que vem a ser o quilombo e quem são os quilombolas. (LEITE, 2000, p. 335)

Diante dessas explicações e de suma importância entender como o processo de certificação que de fato regulariza a terra para os Quilombolas, é realizado, no Decreto nº 4.887, de 20 de novembro de 2003, que “[...] regulamenta o procedimento para identificação, reconhecimento, delimitação, demarcação e titulação das terras ocupadas por remanescentes das comunidades dos quilombos de que trata o art. 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias” (BRASIL, 2003). Que continua a descrever no artigo 2º inciso 001 afirmando que “[...] para os fins deste Decreto, a caracterização dos remanescentes das comunidades dos quilombos será atestada mediante autodefinição da própria comunidade [...]” (BRASIL, 2003), no próximo inciso reafirma que estas “[...] são terras ocupadas por remanescentes das comunidades dos quilombos as utilizadas para a garantia de sua reprodução física, social, econômica e cultural” (BRASIL, 2003).

Deste modo os trechos anteriores contidas no Decreto (BRASIL, 2003), conduz entre suas linhas regulamentos constitucionais que por sua vez caracteriza a Comunidade Quilombola de Cocalinho (TO) pois a mesma obteve seu reconhecimento pela Fundação Cultural Palmares¹ em 2006 como *remanescentes de quilombolas*², assim os legitimando perante o Estado-nação. A seguir o artigo 215 da Constituição de 1988 irá prever que:

¹ Órgão responsável pela certificação de quilombos, participa do licenciamento de obras de infraestrutura e fomenta a cultura afro-brasileira. Disponível em <https://www.socioambiental.org>

² As comunidades remanescentes de quilombo ou os quilombos contemporâneos são grupos sociais cuja identidade étnica até hoje os distingue do restante da sociedade. A Constituição de 1988 assegurou às comunidades descendentes de quilombos o direito à propriedade de seus territórios coletivos. Disponível em: Quilombolas no Brasil | Comissão Pró-Índio de São Paulo <https://cpisp.org.br/observatorio-terras-quilombolas>

O artigo 215, CF/88, por sua vez, prevê que “o Estado garantirá a todos, o pleno exercício dos direitos culturais e acesso às fontes da cultura nacional e apoiará e incentivará a valorização e a difusão das manifestações culturais”. Nesse sentido, estabelece em seu § 1º que “o Estado protegerá as manifestações das culturas populares, indígenas e afro-brasileiras, e das de outros grupos participantes do processo civilizatório nacional”. Já o artigo 216, CF/88, ao referir-se ao patrimônio cultural brasileiro, dispõe, em seu § 5º, que “Ficam tombados todos os documentos e os sítios detentores de reminiscências históricas dos antigos quilombos”. Representando neste sentido o avanço na História do país, no que se refere aos aspectos de reconhecimento dos direitos culturais (art. 215 e 216) e direitos fundiários (art. 68). (MALCHER, 2006, p. 17 apud MALCHER, 2009, p. 4)

No entanto, o decreto nº 4.887 (BRASIL, 2003) não funciona com a rapidez necessária e possui lacunas para que esse processo de identificação ocorra de forma mais eficaz. A Comunidade Quilombola de Cocalinho (TO) como citada acima foi reconhecida pela Fundação Palmares desde 2006³. Porém até o momento sua situação fundiária encontra-se não titulada. Sendo assim a comunidade por sua vez aguarda a decisão do Supremo Tribunal Federal (STF) para o reconhecimento e posse definitiva de sua terra.

Até aqui, os processos já em curso por regularização fundiária com base no artigo constitucional têm encontrado uma resistente barreira: os juristas aguardam por critérios universais para a definição dos sujeitos do direito. Muitas vezes, preocupados em encontrar uma definição genérica de quilombo que se aplique a todos os casos, deixam de considerar que os processos de apropriação/expropriação somente guardam uma pertinência pela sua especificidade histórica. (LEITE, 2000, p. 351)

Neste ponto é relacionado mais a fundo o que se caracteriza por quilombo, o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) irá descrever que os quilombos se caracterizam pelas atividades que são construídas com o espaço, no qual se desenvolve suas particularidades e singularidades exercidas por estes povos.

As comunidades quilombolas são grupos étnicos – predominantemente constituídos pela população negra rural ou urbana –, que se autodefine a partir das relações específicas com a terra, o parentesco, o território, a ancestralidade, as tradições e práticas culturais próprias. (BRASIL, 2020, p. 1). Ao longo dos anos estes povos empenharam-se, na busca de seus direitos que foram validados perante a Constituição de 1988 (BRASIL, 1988).

Entende-se, portanto, bem como ressalta Ilka Leite (2000) que as relações e os vínculos que este povo possui um com os outros é o que remetem a sua organização social e a historicidade que os mesmos possuem.

³ Portaria Nº 2, de 17 de janeiro de 2006/Certidão emitida pela Fundação Cultura Palmares. Processo aberto pelo INCRA nº do processo 54400.001298/2006-95). Disponível em <https://cpisp.org.br/cocalinho-to>

A terra, evidentemente, é crucial para a continuidade do grupo, do destino dado ao modo coletivo de vida destas populações, mas não é o elemento que exclusivamente o define. É importante não confundir o pleito por titulação das terras que vêm ocupando ou que perderam em condições arbitrárias e violentas com os critérios de constituição e formação histórica da coletividade. Neste caso, de todos os significados do quilombo, o mais recorrente é o que remete à idéia de nucleamento, de associação solidária em relação a uma experiência intra e intergrupos. A territorialidade funda-se imposta por uma fronteira construída a partir de um modelo específico de segregação, mas sugere a predominância de uma dimensão relacional, mais do que de um tipo de atividade produtiva ou vinculação exclusiva com a atividade agrícola, até porque, mesmo quando ela existe ela aparece combinada a outras fontes de sobrevivência. Quer dizer: a terra, base geográfica, está posta como condição de fixação, mas não como condição exclusiva para a existência do grupo. A terra é o que propicia condições de permanência, de continuidade das referências simbólicas importantes à consolidação do imaginário coletivo, e os grupos chegam por vezes a projetar nela sua existência, mas, inclusive, não têm com ela uma dependência exclusiva. (LEITE, 2000, p. 144-145)

Rafael Sanzio dos Anjos (1999) diz que os quilombos estão firmados nas tradições advindas de seus antepassados que trouxeram consigo inúmeras manifestações culturais.

[...] os remanescentes de antigos quilombos, “mocambos”, “comunidades negras rurais”, “quilombos contemporâneos”, “comunidades quilombola” ou “terras de preto” referem-se a um mesmo patrimônio territorial e cultural inestimável e em grande parte desconhecido pelo Estado, pelas autoridades e pelos órgãos oficiais. Muitas dessas comunidades mantêm ainda tradições que seus antepassados trouxeram da África, como a agricultura, a medicina, a religião, a mineração, as técnicas de arquitetura e construção, o artesanato, os dialetos, a culinária, a relação comunitária de uso da terra, dentre outras formas de expressão cultural e tecnológica. (ANJOS, 1999, p.10 - grifo do autor)

Dentre estas representativas a Comunidade Quilombola de Cocalinho (TO) se caracteriza em todas as competências, desde o modo de vida dos seus habitantes em vista que os mesmos possuem seus modos de organização e trazem grandes traços de lutas e resistência, os quais estão marcados em suas festividades, comidas típicas, dança, etc.

O quilombo constitui questão relevante desde os primeiros focos de resistência dos africanos ao escravismo colonial, reaparece no Brasil/república com a Frente Negra Brasileira (1930/40) e retorna à cena política no final dos anos 70 [1970], durante a redemocratização do país. Trata-se, portanto, de uma questão persistente, tendo na atualidade importante dimensão na luta dos afro-descendentes. (LEITE, 2000, p. 333 grifo do autor)

O Quilombo vai muito além das definições trazidas por grandes autores, mais é a historicidade dos povos escravizados que foram privados de sua liberdade e retirados de suas terras e famílias para serem usados como mão de obra de forma extremamente desumana. Sendo assim é de suma importância que estes povos tenham seus direitos assegurados perante a lei, e que estas leis funcionem de forma devida e que seja eficaz para todos.

A seguir será descrito a história da Comunidade Quilombola de Cocalinho (TO), para que seja entendido pelo leitor o objeto de estudo que são estas mulheres.

2.3 A Historicidade da Comunidade Quilombola de Cocalinho (TO) (Santa Fé do Araguaia TO)

Cada lugar possui sua história e características algo que o define, onde se é construído vivências, experiências, memórias afetivas e unicidades que são gerados ao longo de sua existência. Onde o mesmo possui como ator principal seus habitantes pois os mesmos constroem o lugar de acordo com a dinâmica exercida no mesmo.

A partir deste ponto a pesquisa encaminha-se para relatos de moradores da comunidade e pesquisas realizadas acerca da historicidade e chegada à região norte, que se inicia com a movimentação de romeiros e missionários nordestinos.

Na segunda metade do século XX, camponeses, romeiros e missionários nordestinos se deslocavam em busca das Bandeiras Verdes, locais de matas amazônica, de preferência as margens dos grandes rios, em busca de locais para moradia e cultivo para subsistência. Esses locais – situados no Pará, no norte do antigo Goiás⁴ – eram considerados desocupados – nas bibliografias da profecia não se considera a ocupação indígena - e ideais para sobrevivência longe da seca. Esse movimento tem como principal personalidade Padre Cícero, que segundo relatos alguns romeiros tinham visões com ele que lhes dizia para explorarem essas terras em direção ao sol poente, rumo as Bandeiras Verdes (VIEIRA, 2001 apud PEREIRA NETO, 2021, p. 19). (Nota do autor)

Percebe-se então que,

[...] o processo de ocupação da região dessas comunidades se deu por esse viés, a devoção dos romeiros que buscavam uma “terra prometida”, as Bandeiras Verdes, lugar mítico, portanto sem localização exata, locais onde as matas nunca secam e a água nunca acaba, um lugar inexplorado, ideal para a construção da nova vida destinada por Deus. (VIEIRA, 2012 apud PEREIRA NETO, 2021, p. 19).

É mediante a este processo de migração que “[...] são formadas algumas das comunidades quilombolas do norte do estado do Tocantins, como exemplo a Comunidade de Pé do Morro em Aragominas, a Comunidade Dona Juscelina em Muricilândia [...] e a Comunidade Cocalinho em Santa Fé do Araguaia” (MARTINS,1997 apud PEREIRA NETO, 2021, p. 19).

Especificamente sobre a Comunidade Quilombola de Cocalinho (TO), como bem frisa Gerson Alves de Oliveira (2015), “[...] os primeiros ocupantes da região chegaram por volta das décadas de 1940 e 1950, oriundos, em sua maioria do Estado do Maranhão em busca de

⁴ O estado do Tocantins foi criado a partir da divisão do estado de Goiás. No dia 5 de outubro de 1988, a divisão ocorreu por questões administrativas políticas. Isso aconteceu porque a região norte do antigo Goiás, hoje Tocantins, estava esquecida não recebia investimentos dos diversos tipos advindo do estado. (BRITO, 2016).

terras, atraídos pelas longas faixas de floresta que existiam na região do antigo norte goiano”. (OLIVEIRA, 2015, p. 2).

A Comunidade Quilombola de Cocalinho iniciou-se com apenas quatro famílias, e os antigos contam que não havia estrada e se deslocavam através de animais, depois foram chegando mais pessoas. Maria Luiza, professora há mais de vinte anos e moradora da comunidade, narra através da história oral, a chegada dos primeiros moradores.

Os primeiros chegaram aqui em 1967 e vieram a cavalo, vindo todos eles do estado do Maranhão de uma cidade chamada de São Domingos do Zé Frei. Vieram influenciados para arrumar terras para fazer roças para plantar seus alimentos, entre eles os principais arroz, feijão e o milho. E aqui abriram a nossa cultura que era dançada dia de lua iluminada, para divertimento dos moradores que na verdade eram poucas famílias. (Entrevistada Maria Luiza)

Ao relatar sobre a história da comunidade, Maria Luiza cita que “[...] e aqui abriram nossa cultura que era a dançada dia de lua iluminada[...]”, quando se refere a dança está falando sobre o Lindô e o Pagode danças tradicionais da comunidade que se perpetua ao longo do tempo e passada de geração em geração.

O Senhor Zé Pereira um dos primeiros habitantes a chegar na comunidade relata também que;

[...] quando chegou à região a terra era abundante e havia muito pouco morador e eles não deixavam qualquer um entrar na terra, sem antes possui um vínculo familiar, um elo entre os membros da comunidade, traço singular entre o grupo e o indivíduo desejava de viver na terra. Fato marcante relatado por seu Zé Pereira, diz respeito ao uso da expressão bandeira verde⁵ [...] (OLIVEIRA, 2015, p.4) (Nota do autor).

O senhor Zé Pereira continua detalhando como se deu às lutas, conquistas e ocupação pelas terras da comunidade.

[...] de primeiro aqui era só bandeira verde. Tinha uns rumeiros aqui no Pé do morro que dizia que o povo tinha que caçar lugar pra se esconder, mode a guerra que aqui já era muito cumpitioso. Que aqui já era bandeira verde. Aí eu fiquei conversando cum eles, até qui arrumei cum eles e eles deixaram. Não faz o seguinte: ‘vamo bota gente aqui!’ Aí eu fiqui conversando. O povo pedindo pra vim pra cá e eu arrumando, arrumando, até que fizemo esse povoado né! [...]’ (OLIVEIRA,2015, p.4) (Grifo do autor).

Apresentado essas narrativas é importante descrever como a comunidade se desenvolveu através do tempo, assim como apresentá-la geograficamente. Ao pisar na comunidade Quilombola de Cocalinho (TO) encontra-se um lugar de famílias humildes de um

⁵ Diz respeito aos migrantes nordestinos que vinha em busca das vastas terras da região do norte goiano e que eram orientados por Padre Cicero, cujos relatos dos moradores, afirmava que nessa parte de Goiás, havia muito bandeira verde ou mais precisamente, uma grande quantidade de mata para planta e viver livre (OLIVEIRA, 2015,p.4)

coração extremamente disposto a compartilhar seus saberes, pessoas entusiasmadas a estarem debaixo de um pé de manga e conversar sobre a história de seus familiares de como chegaram naquelas terras por longas horas.

A seguir serão apresentados mapas e imagens da comunidade. Demonstrando em imagens a riqueza do lugar. No mapa 01 está a localização da Comunidade Quilombola de Cocalinho (TO) obtida via *Google Earth*⁶.

Mapa 01 - Mapa da Localização da Comunidade Quilombola de Cocalinho (TO)



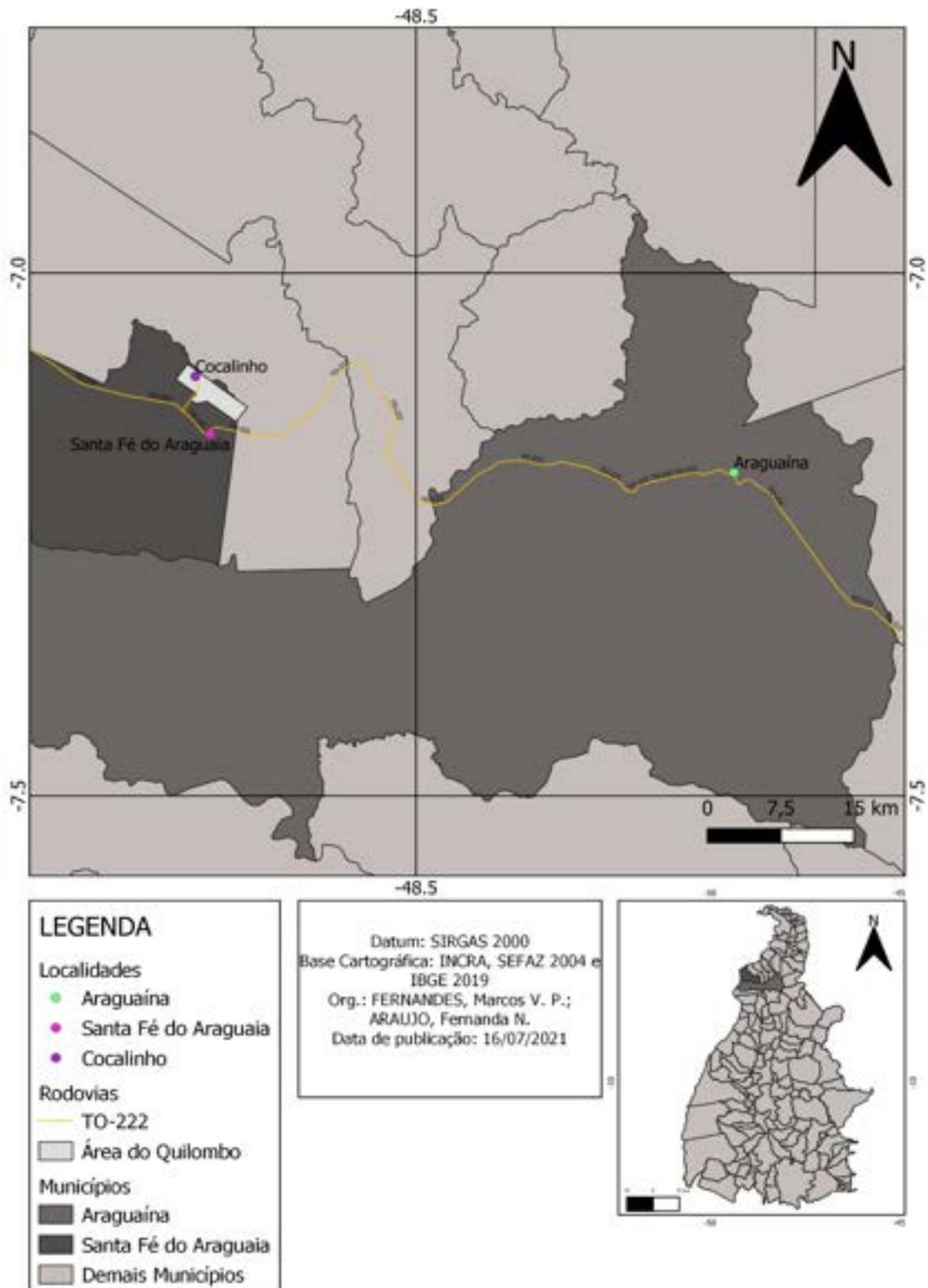
Fonte: Elaborado pela autora com base no Google Earth (2021)

O mapa 02 descreve o trajeto realizado pelas interlocutoras da pesquisa entre sua comunidade e a universidade. Percurso este entre a Comunidade Quilombola Cocalinho (TO) até o núcleo urbano do Município de Santa Fé do Araguaia (TO) até chegar nas unidades acadêmicas da UFT no município de Araguaína (TO).

A Comunidade Quilombola de Cocalinho (TO) está localizada a 8 km de distância da sede municipal de Santa Fé do Araguaia (TO), o trajeto tem um percurso de cerca 81,5 km entre a Comunidade e a cidade de Araguaína.

⁶ Google Earth é um programa desenvolvido e distribuído pelo Google cuja função é apresentar um modelo tridimensional do globo terrestre construído a partir de imagens de satélites obtidas de diversas fontes. Disponível em: <http://www.mp.go.br>>

Mapa 02 - Trajeto das Estudantes da Comunidade Quilombola de Cocalinho (TO) para a UFT.



Fonte: Dados da pesquisa

A linha amarela destacada no mapa 02 é a representação da TO-222, que dentre o perímetro urbano da cidade de Araguaína (TO) ao perímetro urbano da cidade de Santa Fé do Araguaia (TO) à distância é de 75,5 km. Vale esclarecer que entre a sede da comunidade até chegar em Araguaína (TO) se trafega por mais outros municípios como visto no mapa 02.

Iremos identificar alguns pontos importantes da comunidade e que são de convívio comum entre todos, assim como a importância deste para as estudantes/interlocutoras desta pesquisa.

Igreja católica da Comunidade Quilombola de Cocalinho (TO), onde os moradores se reúnem para as missas, a qual ainda possui a tradição de tocar o sino para avisar que a missa já vai começar. Todos que professam a fé católica em sua maioria possuem um papel ativo na igreja principalmente as mulheres. Um local de suma importância para as estudantes, pois é onde expressam sua fé e devoção (Figura 01).

O campo de futebol tem seu papel único na comunidade pois é o local onde jovens, crianças, adultos usufruem do lazer e brincadeiras. As estudantes neste local treinam, socializam e se divertem. Algumas delas participam de torneios de futebol⁷ fora da comunidade, competindo contra cidades vizinhas ou até mesmo em torneios internos, como o clássico que acontece sempre entre solteiras x casadas (Figura 02).

A Escola Municipal Emanuel ao longo do tempo, modificou-se bastante desde seu local atual até sua estrutura física. No entanto, muitas professoras da minha infância lecionam ainda e em sua maioria são professoras da própria comunidade. A escola para todos da comunidade, em específico para as minhas interlocutoras, é um local na qual traz grandes memórias afetivas, e também é o local onde seus filhos(as) adquirem o saber (Figura 03).

⁷ É uma competição em que participam os melhores times classificados em outras competições de menor expressão. As equipes jogam entre si até determinar o campeão. Disponível em: <https://www.coladaweb.com>>

Figura 01- Igreja Católica de São Domingos na Comunidade Quilombola Cocalinho (Santa Fé do Araguaia - TO)



Fonte: Neves, Gabriel 2021

Figura 2 - Campo de Futebol na Comunidade Quilombola Cocalinho (Santa Fé do Araguaia - TO)



Fonte Neves, Gabriel 2021

Figura 03 - Escola Municipal Emanuel na Comunidade Quilombola Cocalinho (Santa Fé do Araguaia - TO)





Fonte: Neves, 2021

A comunidade também possui uma articulação coletiva que se denomina Associação da Comunidade Quilombola de Cocalinho (ACQC) (Figuras 04 a 06) na qual os moradores se reúnem. Para o melhor funcionamento e organização a ACQC possui eleições para que seja eleito presidente (a) de ou seja é uma organização para o bem comum de todos, onde as estudantes exercem seu poder de voto e escolhem seus candidatos.

Figura 04 - Centro Cultural da Comunidade Quilombola Cocalinho (Santa Fé do Araguaia - TO)



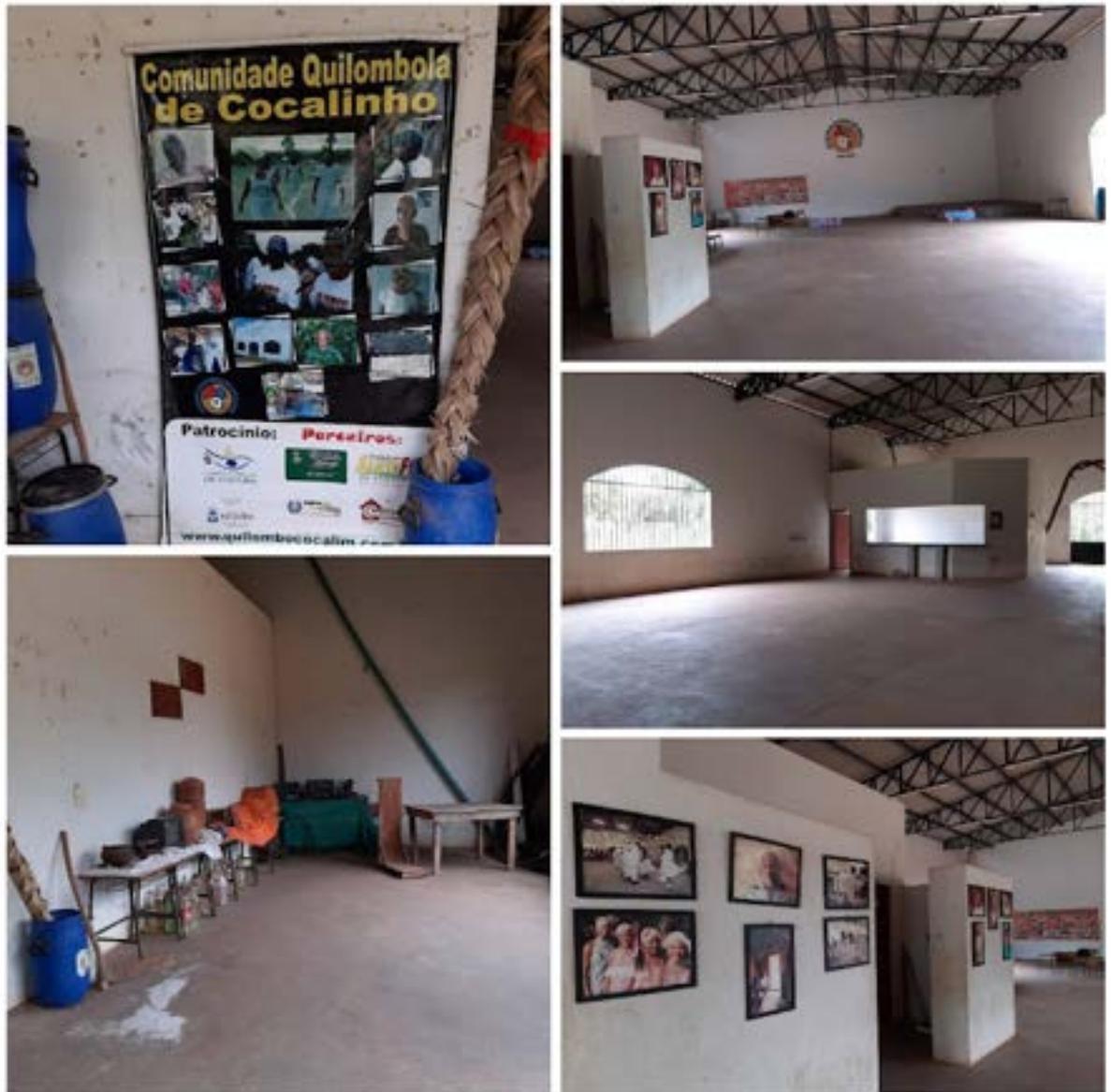
Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2020

Figura 05 - Lateral do Centro Cultural da Comunidade



Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2020

Figura 06 - Exposição de Fotos/ Interior do Centro Cultural da Comunidade



Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2020

O Centro Cultural da Comunidade é o local onde são feitas as reuniões e realizados eventos dentre outras atividades, o local ainda possui dois banheiros, cozinha, sala e um grande salão, neste contendo exposições de fotos e algumas peças antigas. É no interior do Centro Cultural que funcionam as atividades da Associação (ACQC). As estudantes assim como os demais moradores possuem liberdade para usufruírem deste espaço.

Nestas imagens apresentadas identificam-se o lugar ao qual a geografia nos traz em seus conceitos. O lugar que possui particularidades, polissemia a qual o sujeito (as estudantes) formam seus significados e constroem suas relações.

Mais detalhadamente como apresentado por Gerson Alves Oliveira (2015), a comunidade possui uma forte cultura e tradições que são percebidas ao longo das narrativas, práticas e vivências coletivas. Identifica-se um lugar que está enraizado em seu povo na simplicidade da vida pacata, em suas casas que demonstram sua essência e particularidade (Figura 07), nos laços familiares na alegria de cada um, na liberdade das crianças brincarem nos quintais sem medo de violência (Figura 08). A vida em comunidade permite que as crianças desfrutem do privilégio de possuírem um córrego próximo a elas (Figura 09). Encontra-se plantações de milho, feijão verde, mandioca e melancias (Figura 10). É comumente visto no fundo das casas plantios de cebolinha, coentro (Figura 11) e fogões a lenha (Figura 12). Há grandes quintais nos quais as famílias se reúnem para conversar ou fazer outras atividades. A Comunidade Quilombola de Cocalinho (TO) traz em sua essência a resistência de seus antepassados. A seguir imagens da comunidade.

Figura 07 - Casas da Comunidade



Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2021



Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2020



Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2020

Nas imagens acima observa-se, algumas casas da Comunidade Quilombola de Cocalinho (TO), dentre elas as casas de alvenaria, madeira e barro.

Figura 08 - Quintais e Crianças



Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2021

Esta imagem retrata muito bem a liberdade das crianças, elas se divertem com seus amigos nas grandes extensões de sombra que os pés de árvores proporcionam.



Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2020



Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2021

Os quintais estão sempre limpos, com suas árvores (pés de manga, caju dentre outras árvores frutíferas), que refrescam em dias de muito calor, e servem como encontro de familiares e amigos. Onde se constroem muitas lembranças que perpetuam por nossa memória.

Figura 09 - Córrego Fonte de Lazer



Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2020



Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2021

As crianças da Comunidade Quilombola de Cocalinho (TO), se refrescam no córrego da Dona Inês, suas águas são claras e bem frias, está rodeado por sua mata ciliar, além de servir para refrescar, os moradores também o utilizam para lavar roupas.

Figura 10 - Plantações dos Moradores



Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2020

Plantação de feijão verde ou feijão trepa pau como é conhecido pelos moradores da comunidade. Eles em sua maioria cultivam em seus quintais ou no patrimônio⁸. Roçam e limpam para o plantio de melancia, feijão, milho, arroz, mandioca dentre ou verduras. É importante ressaltar que os moradores conhecem bem as épocas para o plantio.

⁸ Na comunidade patrimônio é a denominação de uma extensão de terra que pertence a comunidade, onde qualquer morador pode cercar um espaço para si, fazer suas plantações ou criar seus animais.

Figura 11 - Moradora Colhendo Cebolinha no Quintal



Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2020

Plantar nos quintais pequenas hortas/canteiros faz parte do cotidiano dos moradores da Comunidade Quilombola de Cocalinho (TO). As estruturas são feitas através de madeiras as quais são bem elevadas do chão para as galinhas não comerem as plantas.

Figura 12 - Fogão a Lenha



Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2020



Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2020

O fogão a lenha, algo que bastante comum no fundo das casas dos moradores, todos possuem fogão a gás, mas a comida feita no fogo de lenha tem outro sabor.

Todas estas características demonstradas através destas imagens apenas reforçam a identidade da Comunidade Quilombola de Cocalinho (Santa Fé do Araguaia - TO), e são estas referências que demonstram aspectos de identidade, que os caracterizam enquanto quilombo contemporâneo.

3. AS TRAJETÓRIAS SOCIOESPACIAIS

Neste capítulo será colocado em foco as estudantes da comunidade, buscando compreender os laços estabelecidos com o “Lugar” o ambiente da Comunidade e o que as motivam a fazerem seus trajetos da comunidade a universidade com um olhar geográfico. Ressaltando também como em tempos de pandemia devido a COVID-19 quais estão sendo suas maiores dificuldades.

As mulheres quilombolas constroem suas trajetórias nos lugares, por meio das territorialidades, vivências e relações socioespaciais. Logo é indispensável entender o que se define por trajetórias socioespaciais.

Pensamos que para entendermos o mundo dos indivíduos é preciso acendermos a luz sobre suas trajetórias de vida, uma vez que, interagir na história da vida de um indivíduo, é preciso nos atentarmos aos espaços por eles utilizados e produzidos, uma vez que ele, o espaço se faz presente na formação e influência na sociedade. (PEREIRA NETO, 2017, p. 27)

Assim, como bem define Diogo Marçal Cirqueira (2010), sobre trajetórias.

Em linhas gerais, trajetória socioespacial envolve a história de vida dos indivíduos, suas experiências dentro de uma temporalidade e uma espacialidade que não possuem uma constituição linear ou contínua. A importância da espacialidade se faz na medida em que as experiências não se dão do nada e, muitas das vezes, os lugares demarcam momentos e limites dessas trajetórias, firmando-se como referências experiências simbólicas e materiais para o indivíduo. (CIRQUEIRA, 2010, p.43)

Estas mulheres iniciam seus trajetos desde seu acordar, em sua espacialidade e tempo,

[...] para se compreender as trajetórias socioespaciais deve-se construir os estados sucessivos do campo dentro do qual elas se desenrolam, os vários lugares e experiências pelas quais o indivíduo perpassa, unindo um ator social a outros cujas vivências se desenvolvem no mesmo campo e no mesmo conjunto de possibilidades (CIRQUEIRA, 2010, p. 44).

Mediante este esclarecimento sobre trajetória socioespacial, seguimos para a apresentação das estudantes, bem como sua visão feita através dos deslocamentos e a construção dos seus lugares.

3.1 Conhecendo as Estudantes

As estudantes da Comunidade Quilombola de Cocalinho (Santa Fé do Araguaia - TO) assim como inúmeras mulheres do nosso país lutam por melhores condições de vida e trabalhos, se esforçam todos os dias de diversas formas para obter êxito nas dificuldades do cotidiano, sempre expressando mesmo que inconscientemente sua força, vontade em vencer para oferecer o melhor para suas famílias.

Como bem cita Elaine da Silva Sousa (2017), o conhecimento ao qual estas mulheres buscam, o que as levam a ocupar novos espaços/lugares.

Todas as mulheres têm em suas bagagens trajetórias que as tornam mais fortes e determinadas diante das dificuldades que lhes são impostas. Diante das dificuldades enfrentadas em seus espaços muitas veem a necessidade de desbravar novas localidades, que em alguns casos, sentimentos topofóbicos são desenvolvidos em detrimento de determinados acontecimentos. Sendo assim, as mudanças ocorridas na vida social de cada mulher trazem expectativas de uma nova realidade entrelaçada com novas conquistas. (SOUSA, 2017, p. 42)

Outro pesquisador nos indica que;

Pensar as trajetórias socioespaciais de estudantes quilombolas é pensar em suas caminhadas ao longo da vida, e a caminhada aqui que nos interessa é aquela que se refere ao ensino superior e ao reflexo da educação básica sobre ele. As trajetórias são marcos, pontos de referência sobre os planos cartográficos, marcos que apontam os lugares, lugares esses que se manifestam nas narrativas e nas suas experiências em relação ao espaço geográfico. (PEREIRA NETO, 2017, p.31)

Estas alunas assim como os demais estudantes da comunidade ingressaram para o ensino superior por meio de cotas raciais que “[...] são a reserva de vagas em instituições públicas ou privadas para grupos específicos de “raça” ou etnia que, na maioria das vezes é negra e indígena [...]” (HORTA, 2015, p. 1 - grifo do autor).

A política de cotas parte do pressuposto da promoção de discriminação positiva, que tem como finalidade selecionar pessoas que estejam em situações de desvantagens, tratando-as desigualmente e favorecendo-as com alguma medida que as tornem menos desiguais. É um processo que tem como objetivo tornar a sociedade mais igualitária, diminuindo os desequilíbrios que existem em certos grupos sociais e, através da promoção de ações afirmativas, cuja finalidade é a proteção de certos grupos que, em decorrência a sua história de marginalização social ou hipossuficiência decorrente de outros fatores, necessitem de tratamento diverso da sociedade em geral. Esse mecanismo visa estabelecer medidas de compensação temporária buscando concretizar, ao menos em parte, uma igualdade de oportunidades com os demais indivíduos que não sofreram as mesmas espécies de restrições (ARAUJO, 2009, p. 134 apud HORTA, 2015, p. 6)

As cotas raciais e/ou sociais estão previstas em Lei desde 2012.

A Lei 12.711/2012 que dispõe sobre o ingresso nas universidades federais e nas instituições federais de ensino técnico de nível médio, em seu texto, concede condições aos alunos de escolas públicas ingressarem em Universidades Federais. A Lei de Cotas dá direito a um percentual de vagas a estudantes oriundos do ensino público. (HORTA, 2015, p. 14)

Jose Carlos de Moraes Horta (2015) continua informando que;

[...] A aplicação da presente lei foi regulamentada pelo Decreto n.º 7.824, de 11 de outubro de 2012, juntamente com a Portaria Normativa n.º 18 de igual data, do Ministério da Educação [...]. Esta Lei funciona da seguinte forma: O aluno de ensino público tem direito a no mínimo 50% das vagas, por curso e turno, sendo que 50% dessa reserva de vagas deverão ser reservadas para estudantes, cuja renda mensal da família seja igual ou inferior a 1,5 salários mínimos per capita; e um percentual mínimo (de acordo com dados do IBGE) dessas vagas adota critérios de raça para seu preenchimento. (HORTA, 2015, p. 15)

As alunas estão inseridas no Programa de Bolsa Permanência que em linhas gerais “[...] é um auxílio financeiro que tem por finalidade minimizar as desigualdades sociais, étnico-raciais e contribuir para permanência e diplomação dos estudantes de graduação em situação de vulnerabilidade socioeconômica, em especial, os indígenas e quilombolas”. (BRASIL, 2021, p. 1).

A política pública de assistência estudantil para estas (es) alunas (os), consiste em:

Uma política pública voltada a concessão de auxílio financeiro aos estudantes, sobretudo, aos estudantes quilombolas, indígenas e em situação de vulnerabilidade socioeconômica matriculados em instituições federais de ensino superior e assim contribuir para a permanência e a diplomação dos beneficiados. O recurso é pago diretamente aos estudantes de graduação por meio de um cartão de benefício. (BRASIL, 2018, p. 1)

Após esta elucidação conceitual sobre trajetórias socioespaciais e as políticas de assistência estudantil, apresentaremos uma síntese que caracteriza as estudantes contendo informações muito pertinentes para esta pesquisa (Tabela 01). Para a realização e obtenção dos dados descritos a seguir foram ouvidas sete (07) alunas (via *Google Forms*) que respectivamente estão identificadas por letras alfabéticas a seguir um quadro com a apresentação geral destas, contendo suas idades, ano de ingresso, em qual curso estão e se são mães essas alunas representadas, um dado já determinante é que todas as interlocutoras são matriculadas no período noturno. Os questionários para a obtenção dos dados/informações inseridos ao longo da pesquisa estão inseridos no apêndice desta pesquisa.

Tabela 01 - Quadro Geral

Estudantes (do período noturno) que residem na Comunidade Quilombola de Cocalinho (TO)				
ALUNA	IDADE	ANO DE INGRESSO À UNIVERSIDADE	CURSO	MÃE
A	25	2017	BIOLOGIA	SIM
B	19	2018	COOPERATIVISMO	NÃO
C	38	2019	COOPERATIVISMO	SIM
D	31	2014	TURISMO	NÃO
E	33	2019	COOPERATIVISMO	SIM
F	31	2019	FÍSICA	SIM
G	21	2017	HISTÓRIA	NÃO

Fonte: Produzido a partir de dados primários (questionário *Google Forms*)

Elaboração: Neves, 2021

Ao analisarmos a tabela 01, observa-se que a idades destas estudantes variam bastante consolidado que a idade não é o fator que irá determinar a vontade de se realizarem profissionalmente em um curso superior e nos indica quão importa a “Lei de Cotas” (BRASIL, 2012) para estas acadêmicas, pois se analisarmos a partir dos dados informados pelas estudantes que afirmam ter passado anos longe da sala de aula, alia sua referência ao lugar com as condições de acesso a educação, como apresenta Marcos Antônio Pereira Neto (2017, p. 32) “Os quilombolas em sua totalidade vieram de uma realidade educacional pública, sucateada, que o sistema não ampara suas necessidades, uma realidade nacional, porém agravada quando trata-se de interiores de grandes centros urbanos”. Como a tabela 01 mesmo indica, dentre estas quatro estudantes quatro (04) são mães, ou seja os seus deveres familiares/domésticos implica em dedicar-se ao lar e a seus filhos, e eventualmente as que são casadas em dedicar-se ao lar, filhos, esposos e estudos.

A colocação de Marco Antonio Pereira Neto (2017) define bem o caminho destas mulheres

As trajetórias espaciais até a chegada na universidade variam de acadêmico a acadêmico, alguns terminaram o ensino médio e nem pensavam em fazer um curso superior, outros já engrenaram diretamente, [...], alguns fizeram o ENEM por

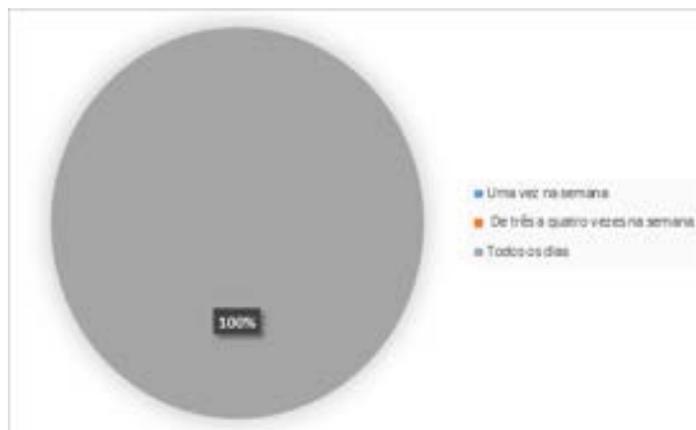
curiosidade e conseguiram adentrar o meio acadêmico, alguns no começo não gostavam de seus cursos mas começaram a amá-los por parte de algumas disciplinas e visam especialidades em cada área, ou seja, os caminhos e os marcos no plano das trajetórias planisféricas mentais até a universidade é algo inerente a cada um dos estudantes quilombolas. (PEREIRA NETO, 2017, p. 33)

Mencionado de maneira geral as acadêmicas na tabela 01, direciona-se em continuar a entender o trajeto feito por elas e como se organizam para que estejam todas as noites na universidade.

3.3 Sobre o Olhar das Entrevistadas

Com um olhar mais intimista sobre cada mulher, este tópico traz o esforço e motivação pela qual elas enfrentam suas trajetórias. Descrevendo continuamente a frequência com a qual elas se deslocam (Gráfico 1) e quais os meios de transporte utilizam para ir até a cidade de Santa Fé do Araguaia (TO) (Gráfico 2). E aprofundando a particularidade de cada uma.

Gráfico 1 - Frequência que fazem o trajeto de ida e volta a UFT



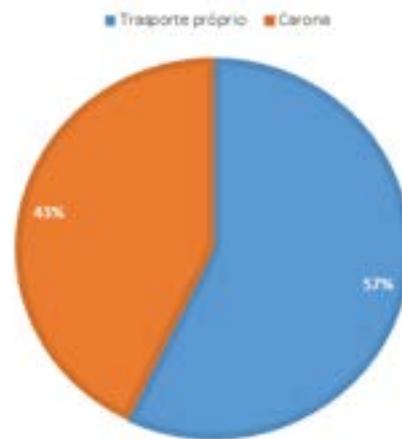
Fonte: Produzido a partir de dados primários (questionário *Google Forms*)

Elaboração: Neves, 2021

O gráfico 1 está demonstrando a periodicidade com a qual elas vão ao espaço físico da universidade, 100% das entrevistadas estão todos os dias no campus.

No gráfico 2 está representado a forma com a qual elas se deslocam para a cidade de Santa Fé do Araguaia (TO), esse deslocamento da comunidade a cidade se faz necessário já que os universitários da comunidade não possuem ônibus que possam levá-los da comunidade diretamente para o campus da universidade na cidade de Araguaína (TO), elas assim como os demais estudantes que utilizam o ônibus pagam uma taxa todos os meses para poderem estar utilizando transporte.

Gráfico 2 - Meios de transporte utilizados pelas estudantes até o núcleo urbano da cidade de Santa Fé do Araguaia (TO)



Fonte: Produzido a partir de dados primários (questionário *Google Forms*)

Elaboração: Neves, 2021

O gráfico representa que 57% delas se deslocam por meio de transporte próprio que majoritariamente são motos, as outras 43% por carona que são feitas por parentes ou até mesmo com as outras que possuem a sua própria locomoção. Para que possam chegar no horário a cidade e pegarem o ônibus saem da comunidade mais cedo, como demonstrado na tabela 2. Na tabela 02 também está representado o horário de chegar em suas casas na comunidade.

Tabela 02 – Horário de deslocamento das estudantes: saída da Comunidade Quilombola de Cocalinho (TO) ao núcleo urbano de Santa Fé do Araguaia (TO) e horário de chegada em suas casas.

Aluna	Em média, que horas você sai da comunidade para pegar o ônibus?	Qual horário você chega em sua casa ?
A	16:15h	00:00h
B	16:20h	00:30h
C	16:00h	00:00 ou mais
D	16:30h	23:40h a 00:00h às vezes
E	16:00h	00:20h
F	16:30h	00:20h
G	16:00h	00:00h à 01:00h

Fonte: Produzido a partir de dados primários (questionário *Google Forms*)

Elaboração: Neves, 2021

A Tabela 02 demonstra que cada uma possui sua própria dinâmica e organização, dentre estes horários colocados por elas também pode haver situações inesperadas tais como o pneu de suas motos furarem ou ficarem sem carona. Mediante as esses eventuais imprevistos que possam ocorrer e as dificuldades nesta movimentação, surgiu-se a seguinte indagação para que elas pudessem responder: Em sua opinião qual é a maior dificuldade na locomoção da comunidade até Santa Fé do Araguaia? As respostas foram:

“As dificuldades são quando é época de chuva e quando fura um pneu da moto. ” (ENTREVISTADA A)

“No inverno. ” (ENTREVISTADA B)

“Falta de ônibus na comunidade. E em Santa Fé a lotação muita gente tem dias que vamos em pé. ” (ENTREVISTADA C)

“Às vezes vamos com chuva e voltamos também. ” (ENTREVISTADA D)

“A ida e volta todos os dias de motocicleta. ” (ENTREVISTADA E)

“Transporte. ” (ENTREVISTADA F)

“Transporte e a estrada ” (ENTREVISTADA G)

O relato delas coloca em foco ainda mais as mazelas as quais perpassam em busca de seus objetivos. Pois como cita acima a estrada da comunidade é algo que dificulta ainda mais este trajeto, pois a estrada não possui um bom tráfego devido os buracos e o asfalto que lhe resta é de péssima qualidade, a falta de ônibus para os universitários da comunidade, também dificulta sua locomoção como bem diz a entrevistada “C” já que muitas vezes neste percurso de ida e volta elas correm o risco de irem em pé. Isto acontece porque o ônibus que transporta os(as) alunos(as) da comunidade, também transporta os(as) alunos(as) que moram na própria cidade estes que estudam na UFT ou em outras universidades particulares.

O deslocamento produz movimentos que perpassam por várias instâncias, promovendo mudanças das mais variadas formas no contexto social de cada localidade. Quando cada mulher decide transitar todos os dias em busca de conhecimento, instantaneamente estas mudam suas percepções e daqueles que convivem com elas. É preciso que se obtenha uma nova forma de organização onde todos colaborem para a permanência eficiente de determinados requisitos para a realização dos percursos diários de cada mulher. (SOUSA, 2017, p. 47)

E diante desta jornada de dificuldade em serem universitárias expostas nos dados acima, que se torna ainda mais perceptível a vontade de quererem estar inseridas no âmbito universitário, e assim desempenharem da melhor forma possível suas atividades acadêmicas, encaixando-as em suas rotinas,

A entrevistada “G” relata que, desenvolve suas atividades acadêmicas da seguinte forma: “[...] *Divido minha rotina em casa conciliando trabalho, estudos e casa, prefiro estudar na madrugada quando chego da faculdade pra mim tem um rendimento maior*”.

Para elas a universidade é um campo de possibilidades, conquistas futuras, elas em sua singularidade, relatam o que representa está cursando o ensino superior. “Evidentemente, a Universidade Federal do Tocantins [...], tem mudado a realidade de muitas mulheres, principalmente daquelas que se deslocam diariamente em busca de mais uma nova oportunidade de conhecimento” (SOUSA, 2017, p.53). Fatos destacados pelas entrevistadas:

“É uma grande oportunidade de estar cursando o ensino superior que é uma garantia de um futuro melhor.” (ENTREVISTADA A)

“Um grande passo na vida da pessoa.” (ENTREVISTADA B)

“Muito importante para mim.” (ENTREVISTADA D)

“Uma grande Vitória, e um futuro melhor.” (ENTREVISTADA E)

“Ser uma pessoa profissional na área da educação” (ENTREVISTADA F)

“Sentimento de orgulho e gratidão, em poder ser uma das pessoas que vai fazer história na comunidade. Em poder levar minha cultura e minhas origens para as pessoas que procuram saber mais sobre nossa comunidade! Estar em um ensino superior foi como me desafiar a coisas novas e poder desconstruir um pensamento de que eu não iria conseguir cursar um ensino superior.” (ENTREVISTADA G)

Elas compartilham igualmente que suas maiores motivações para estarem percorrendo estes trajetos e se dividirem entre suas jornadas domésticas e estudos são suas famílias, a entrevistada “D” diz que; *“Minha família é a minha maior motivação para enfrentar todas essas dificuldades”*. Cada narrativa transmite em sua essência a conquista por algo melhor, o lugar que está enraizado nelas está explícito em suas colocações acerca da representação e mudanças que a universidade causa nelas.

Sobre a comunidade elas expressam o sentimento de gratidão a pois a mesma significa, em suas palavras:

“Melhor lugar do mundo pra se morar” (ENTREVISTADA A),
“Eu tenho um amor enorme por a comunidade” (ENTREVISTADA C),
“Minha infância ou seja minha vida é aqui” (ENTREVISTADA D) e
“Minha comunidade é minha casa é onde eu me sinto bem onde eu me sinto livre, vou defender onde é como eu poder. Minha comunidade é tudo pra mim” (ENTREVISTA G).

Neste momento outros elementos se estabeleceram na formação destas estudantes, pois o deslocamento foi substituído em parte pelo ensino remoto e conseqüentemente o acesso a rede de internet. As alunas em sua maioria queixam da dificuldade em acessar a internet na comunidade, pois muitas vezes o distribuidor que fornece para a comunidade não possui uma boa conexão, muitas vezes falta internet em determinados horários e demora a ser restabelecido a conexão. Mediante este nova forma de estudo remoto, a Entrevistada E foi questionado sobre sua rotina através do ensino remoto a mesma relata que, *“Tento continuar com a rotina de estudos a noite, mas sempre tirando um tempo pra estudar durante o dia”*, ela ainda relata que sua maior dificuldade em acompanhar as aulas por meio remoto é, *“Acompanhar as aulas as aulas, porque muitas das vezes acontece algo pra tirar sua atenção e te desviar do foco das aulas, coisa que presencial não acontece comigo”*. Em sua fala percebe-se que a adaptação a este novo ensino também é desafiador mais que persevera em estabelecer seus estudos.

Elas assim como muitas outras mulheres espalhadas em nosso país traçam suas histórias, se desdobram por elas mesmas e principalmente por suas famílias, muitas destas são as primeiras de suas famílias a estarem em um curso superior e isto é muito significativo. A importância da educação para todos é essencial o significado que a universidade tem vai muito além de suas disciplinas ela ultrapassa os seus muros, e o sentimento que ela produz nestas mulheres e de que elas podem sim, podem buscar o melhor mesmo que isso exija trajetos cansativos. A universidade sem sombra de dúvidas abre um leque para que elas possam voar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao analisar os dados obtidos através das interlocutoras, percebe-se que suas locomoções realizadas diariamente não estão presas por serem cotistas, mas sim por quererem estar inseridas em um meio ao qual traz impactos diretos acerca de seus futuros. A universidade proporciona a elas uma compressão de mundo que as fazem desejar cada vez mais o conhecimento, pois através dela podem ser inseridas no mercado de trabalho através de sua graduação.

Algumas ações que poderiam minimizar as dificuldades como demonstradas a partir dos dados e falas, seria um ônibus que pudesse deslocar essas alunas diretamente para a universidade assim minimizando riscos que elas estão sujeitas ao voltarem de madrugada para suas casas. A melhoria na estrada da comunidade seria também muito importante não só para elas mas para todos que precisam percorrê-la, pois como voltam muito tarde os buracos são perigos existenciais para quedas ou pneus furados como relatado. Essas pequenas ações ajudariam ainda mais estas mulheres (e demais estudantes da comunidade) a permanecerem em seus cursos, pois a jornada se tornaria muito mais segura e confortável, e conseqüentemente mais moradores da comunidade seriam incentivados a estarem no ensino superior.

Elas demonstram em suas narrativas a essência e orgulho de sua comunidade, suas falas explicitam mesmo que inconscientemente o desejo de contribuir com o saber que estão adquirindo entre uma aula e outra. Em repassá-lo para o seu lugar de origem, seja lecionando para as futuras gerações ou contribuir com as necessidades que a comunidade possa vir a ter que necessite de seu saber científico.

REFERÊNCIAS

- ANDREIS, Adriana Maria; CALLAI, Helena Copetti. Alicerces às aulas: princípios, conceitos e categorias geográficas. **Revista Ensino de Geografia (Recife)**, v. 2, n. 3, 2019.
- AZAMBUJA, Leonardo Dirceu de. O Ensino de Geografia na BNCC: os percursos didáticos, das habilidades às competências. **Anais do 14º Encontro Nacional de Prática de Ensino de Geografia: políticas, linguagens e trajetórias**, p. 3643-3654, 2019.
- ANJOS, Rafael Sanzio Araújo dos. **Territórios das comunidades remanescentes de Antigos A599 Quilombos no Brasil**: primeira configuração espacial. 1999.
- BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil** - Art. nº 68 (ADCT) 1988. Disponível em: <<http://www.senado.leg.br>>. Acesso em 25 mai. 2021.
- BRASIL. **Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária**. Quilombolas. 2020. Disponível em: <http://www.incra.gov.br/pt/quilombolas>. Acesso em 28 nov. 2020.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Geografia**. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF. 1998.
- BRASIL. Disposições Constitucionais Transitórias. **Decreto nº 4.887 de novembro de 2003**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/2003/D4887.htm>. Acesso em ago. 2021.
- BRASIL. Legislação Ministério da Educação. **Bolsa Permanência - Legislação 2018**. Disponível em: portal.mec.gov.br/programa-bolsa-permanencia/legislacao. Acesso em 10 nov. 2021
- BRASIL. Sistema de Gestão da Bolsa Permanência. **SISBP 2021**. Disponível em: <http://sisbp.mec.gov.br/faq>. Acesso em 11 nov 2021.
- BERNARDES, Antonio Henrique. Quanto as categorias e os conceitos. **Formação (Online)**, v. 2, n. 18, 2011.
- CAVALCANTE, Sylvia; NÓBREGA, Lana Mara Andrade. **Espaço e lugar**. Temas básicos em psicologia ambiental, p. 182-189, 2011.
- CIRQUEIRA, Diogo Marçal. **Entre o corpo e a teoria [manuscrito]: a questão étnico-racial na obra e trajetória de Milton Santos**. 2010. Tese de Doutorado. Dissertação de Mestrado–Programa de Pós-Graduação do Instituto de Estudos Sócio-Ambientais. Goiânia: UFG.
- CASTRO, Iná Elias de; ROBERTO, Paulo Cesar da Costa Gomes; CORRÊA, Lobato. **Geografia Conceitos E Temas**. 2 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000, p.309

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar um projeto de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GOMES, Flávio dos Santos et al. **A hidra e os pântanos: quilombos e mocambos no Brasil** (secs. XVII-XIX). 1997.

HOLZER, Werther. **O lugar na geografia humanista**. Revista Território, v. 4, n. 7, p. 67-78, 1999

HAESBAERT, Rogerio. **Território e multiterritorialidade: um debate**. GEOgraphia, v. 9, n. 17, p. 19-46, 2007.

HORTA, Jose Carlos de Moraes (São Paulo). Âmbito Jurídico. **Cotas raciais**. 2015. Disponível em: ambitojuridico.com.br/cadernos/direitos-constitucional/. Acesso em 9 nov. 2021

LEITE, Ilka Boaventura. **Os quilombos no Brasil: questões conceituais e normativas**. Etnográfica, v. 4, n. 2, p. 333-354, 2000.2

LISBOA, Severina Sarah. A importância dos conceitos da geografia para a aprendizagem de conteúdos geográficos escolares. **Revista Ponto de Vista**, v. 4, n. 1, p. 23-35, 2007.

MARANDOLA JR. ET. AL. (ORGS) – **qual o espaço do lugar?:** geografia, epistemologia, fenomenologia [organização de Eduardo Marandola Jr., Werther Holzer, Livia de Oliveira. – São Paulo: Perspectiva, 2012.

MUNANGA, Kabengele. origem e histórico do quilombo na África. **Revista usp** ,n 28, p.56-63,1996

MALCHER, Maria Albenize Farias. **Identidade quilombola e território**. Comunicações do III Fórum Mundial de Teologia e Libertação. Belém, v. 21, p. 399-421, 2009.

OLIVEIRA, Gerson Alves de. **Quilombolas do norte do Tocantins: O sentido e o lugar de uma experiência**. UNESP Marília, 2015. Disponível em: <<http://www.marilia.unesp.br/Home/Eventos/2015/iseminariointernacionalpos-graduacaoemcienciasocias/4---gerson-alves-de-oliveira.pdf>>, acesso em 2/05/2021.

OLIVEIRA, Livia de. **Sentidos de lugar e de topofilia**. Geograficidade, [S.L.], v. 3, n. 2, p. 91-93, 30 jun. 2013. Pro Reitoria de Pesquisa, Pós Graduação e Inovação - UFF. <http://dx.doi.org/10.22409/geograficidade2013.32.a12867>. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/geograficidade/article/view/12867>. Acesso em: 10 ago. 2021.

PEREIRA NETO, Marcos Antonio et al. **Territórios e trajetórias socioespaciais da comunidade quilombola Dona Juscelina em Muricilândia** - Tocantins. 2021

PEREIRA NETO, Marcos Antonio. **NOVOS LUGARES E OLHARES: AS TRAJETÓRIAS SOCIOESPACIAIS DOS/DAS ESTUDANTES QUILOMBOLAS DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS – CÂMPUS ARAGUAÍNA NOS ANOS DE 2016 E 2017**

RATTS, Alecsandro (Alex) J.P. **(Re)conhecer quilombos no território Brasileiro**. estudos e mobilização In: FONSECA, Maria Nazareth Soares (Org.). Brasil afro-brasileiro. Belo Horizonte: Autêntica, 2006. 310-316 p.

SANTOS, Carlos. Território e territorialidade. **Revista zona de impacto**, v. 13, p. 1-8, 1982

SCHMITT, Alessandra; TURATTI, Maria Cecília Manzoli; CARVALHO, Maria Celina Pereira de. **A atualização do conceito de quilombo: identidade e território nas definições teóricas**. Ambiente & Sociedade, p. 129-136, 2002.

SOUSA. Elaine da Silva. **ENTRE ROTAS: TRAJETÓRIAS SOCIOESPACIAIS DAS ACADÊMICAS DO CURSO DE GEOGRAFIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS - CAMPUS ARAGUAÍNA ENTRE OS ANOS 2014 A 2017**

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar:: A perspectiva da experiência** . SciELO-EDUEL, 2013.

APÊNDICE- ROTEIRO PARA A OBTENÇÃO DE DADOS/INFORMAÇÕES PARA A PESQUISA

APÊNDICE A- IDENTIFICANDO AS ESTUDANTES

UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CAMPUS CIMBA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA



ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

Pesquisa Científica para Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)

Neste ato, e para todos os fins em direito admitidos, autorizo expressamente a utilização dos dados informados no questionário, em caráter definitivo e gratuito, decorrentes da minha participação na pesquisa para o trabalho de conclusão de curso (TCC) do curso de Licenciatura Plena em Geografia da unidade acadêmica de Araguaína da Universidade Federal do Tocantins.

- 1- Você permite que suas respostas sejam utilizadas na minha pesquisa (você não será identificado, nas citações aparecerá apenas como entrevistado)
- 2- Qual o seu nome?
- 3- Qual sua idade?
- 4- Qual curso está fazendo?
- 5- Qual período?
- 6- Em que ano entrou na UFT?
- 7- Qual o meio de transporte você utiliza para ir até a cidade de Santa Fé do Araguaia (ex: transporte próprio, carona ou alguém leva o (a) deixa?
- 8- Em média que horas você sai da comunidade para pegar o ônibus?
- 9- Qual horário você chega na sua casa?
- 10- Com que frequência e sua ida à universidade?
- 11- Você é mãe? Se a resposta for “sim” com quem deixa seu(s) filho(s)
- 12- Como é sua organização para que esteja todos os dias na universidade? Ex: como é sua rotina
- 13- Em sua opinião qual é a maior dificuldade na locomoção da comunidade até Santa Fé?
- 14- Qual é a sua maior motivação para percorrer todo este trajeto de ida e vinda (da universidade a comunidade)?
- 15- O que representa para você esta cursando o Ensino Superior?

APÊNDICE B- COMO SE IDENTIFICAM

UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
 CAMPUS CIMBA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA



ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

Pesquisa Científica para Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)

Neste ato, e para todos os fins em direito admitidos, autorizo expressamente a utilização dos dados informados no questionário, em caráter definitivo e gratuito, decorrentes da minha participação na pesquisa para o trabalho de conclusão de curso (TCC) do curso de Licenciatura Plena em Geografia da unidade acadêmica de Araguaína da Universidade Federal do Tocantins.

- 1- Como você se identifica enquanto sujeito na sua comunidade? (Como você se apresenta)
- 2- Como você se identifica/apresenta na Universidade?

APÊNDICE C- DIFICULDADE DO ENSINO REMOTO

UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
 CAMPUS CIMBA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA



ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

Pesquisa Científica para Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)

Neste ato, e para todos os fins em direito admitidos, autorizo expressamente a utilização dos dados informados no questionário, em caráter definitivo e gratuito, decorrentes da minha participação na pesquisa para o trabalho de conclusão de curso (TCC) do curso de Licenciatura Plena em Geografia da unidade acadêmica de Araguaína da Universidade Federal do Tocantins.

- 1- Qual o seu nome?
- 2- Como está sendo sua rotina de estudos pelo ensino remoto?
- 3- Qual tem sido sua maior dificuldade? (acompanhar as aulas, acesso a internet)